

Pastoral  
Dos Dias  
Maduros



Francisco Carvalho

FRANCISCO CARVALHO publicou até agora os seguintes livros de poemas: *Cristal da Memória* (1954); *Canção Atrás da Esfinge* (1956); *Do Girassol e da Nuvem* (1960); *O Tempo e os Amantes* (1966); *Dimensão das Coisas* (1967); *Memorial de Orfeu* (1969) e *Os Mortos Azuis* (1971). Não gostaria, contudo, que os dois primeiros livros fossem levados em conta no cômputo geral de sua produção poética, pois os considera como simples experiências de um período de transição do seu aprendizado literário. Costuma dizer que só depois dos trinta anos é que começou a compreender e a assimilar os pressupostos estético-filosóficos do movimento modernista de 22. Diz, ainda, que a sua evolução literária se processa de maneira bastante lenta; atribui a esse fato a desigualdade, em termos qualitativos, de sua poemática. Aos quarenta e nove anos de sua idade, considera-se ainda um péssimo aprendiz de poesia. É de opinião que em termos de literatura não existem textos definitivos. Haveria sempre uma palavra estranha à atmosfera do poema, uma palavra que teria necessariamente de ser substituída por outra; uma palavra, enfim, de cujo banimento iria depender a transfiguração do poema. Não vê motivo algum para se confundir verso com poesia. O primeiro poderia existir independentemente da segunda, e vice-versa. Em contrapartida, não alimenta o menor preconceito em relação ao verso metrificado. Sempre acreditou que a modernidade em poesia é um fenômeno de outra índole. Considera provincianismo cediço qualquer tentativa de julgamento do poema em função de formas poéticas. Qualquer delas lhe parece válida, desde que o poeta seja suficientemente talentoso para não ficar confinado nas "perpétuas grades" do verso. O versilibrismo, de certo modo, não passaria de uma ilusão. Para além da simples estrutura fonética imposta pela metrificação existiriam, necessariamente, outros parâmetros delimitadores da linguagem, determinados pela própria emoção do poeta. A medida do poema ou do verso estaria, assim, condicionada à duração desse ritmo interior, espécie de vibração pendular da individualidade. Tem o hábito de fazer modificações periódicas nos seus poemas inéditos. Confessa que assim procede pela convicção de que só o exercício obstinado da autocrítica poderá suprir as falhas decorrentes de suas limitadas possibilidades poéticas. Costuma dizer que a poesia não confere privilégios a ninguém. Tem procurado fazer o possível para desmitificar certas projeções românticas relacionadas com o poeta e com a poesia. A humildade é a única alternativa que lhe parece válida, a única opção que supõe digna de um escritor verdadeiramente consciente do seu destino. Confessa que a sua poesia tem grandes e inúmeros defeitos. Certos símbolos e imagens vêm sendo sistematicamente repetidos de livro para livro. Observa que a presença de símbolos de procedência rural é uma constante em sua poemática. Supõe que isso se deve, provavelmente, a reminiscências da infância que o teriam marcado para o resto da vida. Salieta que as conotações urbanas de sua poesia se revestem de certo artificialismo. Sente-se mais à vontade ao manipular

símbolos e imagens alusivos ao campo. Concorde inteiramente com a afirmação de Jorge Luís Borges de que "a poesia não é menos misteriosa que os outros elementos do orbe". Imagina que o enigma consubstancial à poesia é um reflexo do enigma de que se cercam as evanescentes realidades do mundo; e que este (o enigma do mundo) teria por finalidade evitar que sejamos ofuscados pela infinita claridade do mistério de Deus. Entende que a verdadeira poesia não se mostra de corpo inteiro. Não lhe parece que a poesia deva, necessariamente, se envolver com problemas alheios às preocupações que lhe são consubstanciais. Acha que a filosofia, a política, a sociologia e a economia, por exemplo, são campos de conhecimento bastante específicos, que possuem as suas próprias técnicas e os seus próprios instrumentos de trabalho. Julga, contudo, que isso não seria motivo suficiente para que o poeta permaneça confinado nas quatro paredes de vento e água do seu restrito universo lírico, como se o mundo dos homens não sugerisse outros caminhos e outras alternativas mais propícias ao alargamento da individualidade de um escritor. Acredita que isso pode ser feito na medida em que a hierarquia do poema não seja comprometida. Cita como exemplo de equilíbrio o poeta Carlos Drummond de Andrade, cuja poesia lhe parece exprimir de forma adequada as múltiplas alternativas do cotidiano e do metafísico. Admite que, nas modernas sociedades de consumo, a arte literária tende, gradativamente, a perder prestígio. Parece-lhe natural que em momentos de depressão econômica o produto literário seja minimizado. As artes literárias estariam, assim, fadadas a gravitar à órbita das prioridades consideradas essenciais à sobrevivência humana. Desse ponto de vista, considera irrelevante falar-se em crise de poesia. A propalada crise da poesia radicaria num contexto mais amplo, como consequência das crises econômicas que periodicamente afligem as sociedades humanas. Toda vez que as sociedades humanas são atingidas por crises dessa natureza, todos os seus valores passariam, necessariamente, a ser questionados em função das novas alternativas econômicas. Num mundo constantemente ameaçado pela guerra e pela fome, dificilmente poderia haver lugar de evidência para a literatura. Observa que de um modo geral as grandes literaturas do passado teriam florescido justamente em períodos de grande expansão econômica e de relativa estabilidade política. Acha que nenhum escritor tem o direito de se comportar como se estivesse numa vitrina. De andar por aí cacarejando as suas discutíveis virtudes, numa espécie de *trottoir* literário. Está convencido de que ninguém é tão importante que não seja um pobre-diabo. Acredita que, na vida como na poesia, "mais vale a harmonia oculta que a harmonia aparente". Como, aliás, já dizia Heráclito. O de Éfeso.





PASTORAL  
DOS DIAS MADUROS



# *Pastoral Dos Dias Maduros*

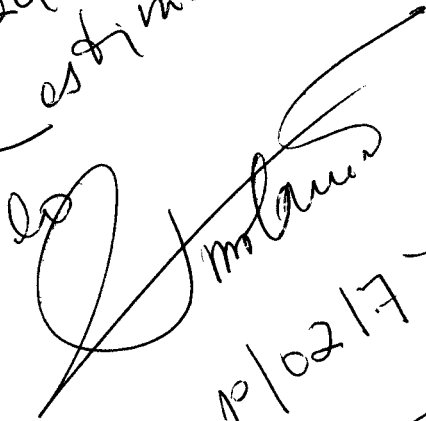
*Francisco Carvalho*







Do Nilton Menezes,  
com a maior estima  
e admiração

 Nilton Menezes

10/02/77

Ao professor Pedro Teixeira Barroso,  
Magnífico Reitor da Universidade Federal  
do Ceará.

Ao professor Ernando Uchoa Lima,  
dd. Secretário de Cultura, Desporto e Promo-  
ção Social do Estado do Ceará, por sua ajuda  
decisiva na publicação deste livro.

A minha mulher, Doraci Figueirêdo Cruz Car-  
valho, colaboradora de todos os momentos.



I

## **As Vozes do Sigilo**

*A minha língua é o estilo de um escriba veloz.*

*(Salmo 44, v. 2)*



## A VISITAÇÃO

A qualquer hora o espectro do sono flutuará  
na penumbra da sala.  
As mãos do morto afagarão a estranha longitude  
do seu corpo.  
A qualquer hora crepitará a chama da presença.  
Os parentes chegarão  
de um tempo infinitamente remoto  
e estarão submissos e silenciosos.

A qualquer hora seremos impelidos  
para o terrível despertar.  
Seremos engolidos pela máquina do sonho.  
Atravessaremos a fria fronteira que nos separa da alma.

A qualquer hora seremos amputados pelo  
alfange do vento.  
Rolaremos na escura planície de água do incriado.  
E nada saberemos do anjo confidente  
cuja asa nos roçou o ombro.  
Nada saberemos do enigma confinado em nosso peito.

A qualquer hora  
ó visitação pálida  
o espectro do sono  
flutuará na penumbra da sala.

## MUCURIBE LATITUDE AMOR

A Almeida Fischer

Mar de pilastras, capitéis e ogivas.  
Estas águas senis são de âncoras e adagas.  
Prostitutas em flor, marujos de outras plagas  
e o clarão dos bordéis nas noites compassivas.

Estas dunas são marcos de pelejas.  
Aqui se esgalha o sol como árvore opulenta.  
Nestas ruas do mar paira uma paz cinzenta  
de sombras monacais ao longo das igrejas.

Pelas tardes azuis dardejam velas.  
São os homens do mar com seus trejeitos parcos.  
Se peixe ou se ilusão, palpita nesses barcos  
um vento varonil vergado de procelas.

Peixes hostis faiscam na avenida  
com seu roxo irreal de defuntos bastardos.  
O apetite burguês zumba em meio aos moscardos  
azuis. Assim se alonga em nós a curta vida.

O mar se enrosca pelas noites gastas  
de sargaço e alcatrão. Meninos de escorbuto  
vendem mentira e paz a um mundo dissoluto.  
Por sombras de cetim se esgueiram pederastas.

O olhar venal da milenar caftina  
fareja a escuridão de negras espeluncas.  
Seus gestos de verniz têm volúpias aduncas  
e o reluzir letal das aves de rapina.

Mulheres de panelas à cabeça  
passeiam lerdamente ao redor das barracas.  
Umam fumam cachimbo, outras amolam facas,  
à espera de que o amor chegue assim que anoiteça.

No Mucuripe um mar de alfanges dorme.  
Um búzio engole o sol. Sangra um rei que se alegra.  
O obsoleto Farol lembra a pupila negra  
de um deus que se cansou do seu fastígio enorme.

A fome, esse fantasma de olhos longos,  
namora os comensais de frio olhar peludo.  
Gatos gulosos vão, com gestos de veludo,  
ceifando a fina flor dos gordos camundongos.

A pobreza ressoa os seus tamancos.  
Sai de auroras de anzol para um cismar de índigo.  
Longas moças de lã têm moluscos no umbigo.  
Um fauno nos quadris gingando aos solavancos.

Nestas águas a quilha do invasor  
escreve antigamente aventuras lendas!  
Ouro do pau-brasil! Riquezas estupendas!  
Marujos abissais trocam juras de amor.

Mucuripe do antigo ancoradouro.  
Bêbados, ao luar, beliscam bandolins.  
Nos mastros espectrais que alvejam nos confins,  
vejo flamengas naus pilhando o nosso ouro.



Governador Bernardo Manuel  
de Vasconcelos. Sons de quilhas importunas  
sobem do anoitecer e adejam nestas dunas.  
Cega-me este esplendor feudal do sol da Shell.

De quando em vez o espanto me assassina!  
Longa infância senil, esfarrapada e rota!  
Nesta areia ancestral, vindos de terra ignota,  
pulsaram corações sedentos de chacina.

Negras episcopais vendem café  
onde outrora o invasor pilhava o pau-brasil.  
Cão de espantos azuis segue o ardil de um quadril,  
que cisma o seu cismar, sabe Deus por quem é!

Nas tardes sujas proliferam moscas.  
Das bandas do Farol chega um gemido surdo  
de pandeiros tribais... Algum bolero absurdo.  
Vísceras viscerais pendem de mesas toscas.

Moças em flor sonham num vago eclipse.  
Disparam nos Corcéis de brilhos repentinos.  
Na manhã sem marés canta um sol de alevinos.  
Gringos monumentais falam do Apocalipse.

Mucuripe. Os canhões das baterias  
Princesa demarcando a porta azul do Atlântico.  
Salsas flautas do mar! Vem-me à memória o cântico  
de ignotos Portugais e antigas sesmarias.

Pedreiros lambuzados de caliça,  
tontos de arranha-céu, passam de bicicleta.  
Por certo morarão numa palhoça infecta,  
plantada no sopé da duna movediça.

Malandros longos de trejeitos tortos  
gingam nos paletós de listras suburbanas.  
Vindas de algum pincel febril, surdem ciganas  
de insolentes perfis, como os perfis dos mortos.

No frontal destas rochas inconclusas,  
há restos de esplendor do afã colonial.  
Vejo insígnias, brasões, Pedro Álvares Cabral  
e as velas varonis das caravelas lusas.

Os bares estão cheios de rapazes  
e moças a dançar. Mar, madrugada intacta,  
depois o amanhecer nuns olhos de mulata.  
Num céu de lassidão boiam beijos lilazes.

Negros navios fumam seus cachimbos.  
Desenham-se no céu espessos obeliscos.  
Relampeja no asfalto o ouro dos mariscos,  
com que os homens do mar se enfeitam nos domingos.

Burgueses barrigudos como odres  
passeiam seu desdém pela alameda. Calvos,  
vão palpando a ilusão de se saberem salvos,  
enquanto a plebe vil sonha com peixes podres.

Mucuripe dos ventos movediços.  
Coqueiros canibais se arqueiam no horizonte.  
Retalhos de algodão tremem no céu. Defronte  
ao cais, mulheres vãs predicam seus feitiços.

Mulatas atrevidas vão aos silos  
fazer amor com quem lhes dá na telha. Algum  
marujo solitário afoga a dor no rum.  
Outros chegam do mar com seus gorros tranqüilos.

Pilhas de caranguejo nas calçadas,  
que a pobreza ceifou nos lamaçais do mangue.  
Nuvens de emigração erguem perfis de sangue.  
Singram mouros clarins nas águas ancoradas.

Sai-me um clamor do anoitecer esquálido.  
Luar. Pia um presságio em cima de um casebre.  
O faro destes cães tem crispações de febre.  
Num mar de funeral voga um veleiro pálido.

Vejo o holandês de coração revel.  
Bruscos barcos reinóis singrando o mar sinistro.  
E os vejo a desfraldar o pavilhão de Cristo,  
sob o escudo e brasão do Rei Dom Manuel.

Vejo o mar fumegante. Os mastros vejo  
das naus varrendo os céus. Vejo augúrios, milagres  
e os valentes marujos da Escola de Sagres,  
que Portugal fundou para expandir o Tejo.

Pero Coelho andou por estas plagas.  
Outros chegam depois com seus costumes e usos.  
Nestas águas de arpão gritam silêncios lusos.  
Restos de expedição borbulham nestas vagas.

Talhadores de peixe ensaiam gestos  
com grande profusão. De dentro das barracas  
brota uma luz cruel, como a que sai das facas.  
Pargos patriarcais relampejam nos cestos.

Brilhos de breu, explode o Pajeú.  
Sai negro do canal e enrosca-se no abismo.  
Viu corsários e heróis; auroras de ostracismo  
e as dunas a ondular como um dragão hindu.

Das dunas que se vão, sobe um clamor  
de existências banais. De corpulentas hastes  
surdem forças sutis. Dos braços dos guindastes  
pendem mimos azuis para os ricos em flor.

Nos armazéns de secos e molhados,  
range um vento fabril de fibras e de escombros.  
Rudes homens do mar levam fardos nos ombros  
e o cheiro de alcatrão dos barcos ancorados.

Noite arenosa de luar e lenda.  
Nuvens são capitéis. Pilastras demolidas  
de um castelo espectral, recordam-me outras vidas.  
Nas tardes de algodão, velhinhas tecem renda.

Estalam bilros pelas noites mortas.  
Do linho brota a flor de estames de morfina.  
Na teia que se tece à luz da lamparina,  
cisma o ousado perfil de burguesas absortas.

Branças velhinhas cor do sol dos claustros.  
Fanadas tecelãs de algum império extinto.  
Pelas nodosas mãos se esgalha um labirinto  
de rugas e ilusões. Seus cabelos exaustos

lembram pendões de messe à ventania.  
Seca o trigo das cãs nas glebas da almofada.  
A alma dessas Mães é uma luz soterrada.  
Pomba sacramental de um rito de agonia.

O mar feroso é um garanhão que nitre.  
Sopram ventos fabris nas velas de morim.  
Aqui, sargaço em flor, fui mouro antes de mim.  
Meu banjo português tem cordas de salitre.

## SALMO DE AREIA

A cada passo a morte nos espreita  
com seu olho sangrento de unicórnio.  
A carne é só memória rarefeita  
na voragem dos dias e do orbe.  
No coração se esgalham plenitudes.  
As horas e as eras são intervalos  
da morte. Somos peixes taciturnos,  
hipocampos num reino de centauros.  
Os deuses moram nos dourados cimos  
de seus portais de fogo. Saberão  
que entre noites e auroras existimos,  
marcados pela efígie do dragão?  
A carne é só volúpia rarefeita  
da parca que te abarca e te rejeita.

## RETRATO PARA SER VISTO DE LONGE

Sou um ser, o outro é metade  
que não sabe de onde veio.  
Sou treva, sou claridade.  
Solidão partida ao meio  
e entre os dois a eternidade.

Sei quem sou, não me conheço.  
Parado, estou sempre indo  
para um país sem regresso.  
Sou fonte e estou me esvaindo,  
fluir sem fim nem começo.

Sou um ser, o outro é metade  
que a si mesmo se completa.  
Um quer tudo, o outro quer nada.  
Mais lavrador, menos poeta  
e entre os dois a eternidade.

## O CORPO

É de argila e sonho.  
Universo estrito  
da morte, teu corpo  
contudo protesta.

E luta, e rasteja  
num mundo fictício  
de signos, de insignes  
verdades e equívocos.

O corpo é uma ceia.  
Súbito na noite  
reverdece o caule  
do ofício de amar.

O corpo te esmaga,  
vegetal de gusa.  
De sonho o abasteces,  
de tempo e legumes.

Teu corpo incorpora  
o universo e o mito.  
Solidão não basta  
para o consumir.



O corpo organiza  
seu lugar no mundo.  
Tange como um sino,  
pêndulo do eterno.

O corpo te agarra,  
te acena de longe.  
O adeus e o velório,  
a saudade e o séquito.

O corpo te alaga  
de suor e grito.  
De que ardil se arqueia,  
matéria inconclusa?

O corpo trabalha  
no porão da fábrica.  
Tem necessidade  
de ser pornográfico.

Teu corpo apodrece  
numa encruzilhada.  
Sombra do teu corpo,  
que não te regressa?

Teu corpo te chama  
para o almoço neutro.  
A carne é tão pouca  
para tanto exílio.

Teu corpo protesta  
contra a bomba atômica.  
Traz canção no bolso  
para a namorada.

De que é feito o corpo?  
Que abismo o clareia?  
Teu corpo, essa máquina  
sutil de problemas.

Teu corpo se evade  
do impossível âmbito.  
A vida é tão pouca.  
A morte é tão grande.

## PROSA PROSAICA

Ao Prof. Newton Gonçalves

Há guerra em tudo. Antes e depois.  
Guerra entre os homens, guerra entre os robôs.  
Por toda parte geram-se conflitos  
entre as nações. Fotogênicos peritos  
voam de Saigon rumo de Paris.  
Essas pombas da paz vendem fuzis.  
Há guerra em tudo. Guerra nos protestos  
de paz, nos tratados e manifestos.  
Guerra na lentidão da hora incauta,  
guerra nos movimentos do astronauta.  
Briga-se pelo ópio e pela opa,  
pela eternidade e o prato de sopa.  
Briga-se pela espora e pelo espólio  
e até pelos gansos do Capitólio.  
Há guerra em tudo. Há guerra até na paz.  
Guerra passada a limpo nos jornais.  
Há guerra no silêncio e em nossa voz,  
guerra no céu, guerra dentro de nós.  
Os aviões não cessam: de permeio  
com um passeio explode um bombardeio.  
Enquanto isso, num cinismo incrível,  
planejam-se conversas de alto nível  
entre as grandes potências do planeta.

Nesse entretempo, a bomba e a baioneta  
prosseguem seu fatídico festim,  
e Washington reata com Pequim  
novas conversações, novos arranjos  
(vão desde o armistício ao sexo dos anjos).  
Os Estados Unidos mais a China  
falam de amor e paz, tudo à surdina.  
E assim, muito apetite e outros impulsos,  
entram de cheio no caviar dos russos.  
As dissensões começam quando as tréguas  
findam. Por muitos sóis e muitas léguas  
de solidão, nos campos de batalha,  
a máquina do pânico trabalha.  
Há guerra nos arados e nos bois.  
Briga-se pelo trigo e pelo arroz.  
Os industriais brigam por consumo,  
sabem que a paz se vende como o fumo.  
Sabem que coexistência pacífica,  
só quando o maior cada vez mais fica.  
Porque brigar faz parte do programa,  
as potências brigam por telegrama,  
por telefone ou por computador.  
Brigam pela posse do mar, do amor.  
Brigam pelo céu, brigam por convênio,  
por ilusões e bomba de hidrogênio.  
Nixon sugere a fórmula da paz,  
mas Le Duc Tho pretende muito mais.  
Nesse entretempo surge Pham Dang Lam,  
e a briga recomeça, árida e vã.  
Cada qual diz que a paz feita a seu modo  
é uma paz que aproveita ao mundo todo.  
A paz de Nixon vem de supersônico,  
salta em Pequim para um cismar platônico  
sobre o desarmamento nuclear.  
(Melhor não desamar, que desarmar).  
Kissinger em Paris, ao fim do vôo,

grifa um sorriso para Le Duc Tho.  
Este, porém, permanece sisudo:  
ou negocia a paz ou larga tudo.  
E assim, de conferência em conferência,  
a guerra aumenta e aumenta a pestilência.  
Frustrada a paz, a guerra continua  
no céu, no mar, nos cafundós da lua.  
Uma esperança aponta nessa bruma:  
é o cachimbo da paz. Mas ninguém fuma.

O vento pega fogo.  
As súplicas do papa pegam fogo.  
Os tratados são papéis, os homens são cruéis.  
A palavra e o fuzil são do mesmo barril.

Dizem que a guerra acabou,  
que os presos serão expulsos.  
Dizem que as moças voltaram  
a plantar sonho e legumes.  
Dizem que há ópio e desejo,  
noites de papel crepon.  
Luas azuis nos cabelos  
das mulheres de Saigon.  
Dizem que agora os meninos  
não brincam de velocípedes.  
Nem escondem lembráveis  
vagalumes entre os dedos.  
Que não brincam de espingarda  
(os mortos são seus brinquedos).  
Dizem que a guerra acabou.  
Que estão queimando os fuzis  
por ordem dos diplomatas  
que chegaram de Paris.  
Dizem que agora as meninas  
escondem bombas no seio.  
As rosas de antigamente  
(agora é uma flor que dói)  
são lascas de um bombardeio  
de explosivos em Hanói.  
Dizem que a guerra acabou,  
que os tratados são unânimes.  
(Há sempre um morto embrulhado  
nas dobras dos telegramas).  
Dizem que os mortos serão  
relembrados nos quartéis.  
Soldados serão sargentos,

estes serão coronéis.  
Dizem que agora os soldados  
vão regressar de uma vez.  
Dizem que a guerra acabou  
e que os heróis são vocês.



## SOLITÁRIO CAÇADOR

A Domingos Carvalho da Silva

Coração, solitário caçador  
dos bosques altaneiros da Ilusão.  
Quando findar o giro da Estação  
e tudo o mais que amei de amor maior,

te guardarei na concha dessa mão  
que governa o infinito e rege a flor.  
Coração, solitário tecedor  
do sonho audaz, do anseio temporão.

Voz ancestral que amei com tal amor,  
que só de amar achei consolação  
no desconsolo. E, se preciso for,

farei que o verso aprenda uma oração  
para eu rezar, quando sentir a dor  
do sonho extinto que se busca em vão.

## CANÇÃO DO DESERDADO

A Antonio Girão Barroso

Esta casa não é minha.  
É do morto, é do estrangeiro.  
Esta casa foi morada  
da saudade e da tristeza.  
Esta casa é dos bastardos  
da coroa portuguesa.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É do mar, da correnteza.  
É dos ventos e da chuva,  
é do sol e da poeira.  
Esta casa é de quem mora  
do outro lado da parede.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É do antigo fazendeiro;  
é das cabras, dos cavalos  
e dos bois mortos de sede.  
Esta casa é dos fantasmas  
que dormem na minha rede.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É talvez do aventureiro  
que bebe da minha sopa  
e sabe do meu segredo.  
Esta casa é das lagartas  
listradas no tempo verde.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É dos herdeiros da guerra;  
é do fogo e da fumaça,  
da solidão e do medo.  
Esta casa é do mistério  
que se alastra nas paredes.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É do silêncio que reza;  
do sonho que não se sabe,  
da carta que não se escreve.  
Esta casa é do astronauta,  
do arlequim, do carpinteiro.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É do estranho que a repele;  
é dos parentes do morto,  
dos que choraram por ele.  
Esta casa é dos que lavram  
latifúndios de incerteza.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É da plebe e do seu cheiro;  
do soldado demolido  
às portas da profundez.  
Esta casa é de quem fala  
do outro lado da parede  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É da escória soterrada,  
do inverno e da ventania,  
do cupim, da eternidade.  
Esta casa é dos defuntos  
expulsos da noite negra.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É do morto que se adia;  
dos olhos que nos escutam  
dentro da sala vazia.  
Esta casa é do caruncho,  
do verme que a desintegra.  
Esta casa é de quem chega.

Esta casa não é minha.  
É da imburana e do ferro;  
é da ternura e do engulho,  
do morto depois do enterro.  
Esta casa é dos bastardos  
da coroa portuguesa.  
Esta casa é de quem chega.

## ACALANTO PARA UM ROBÔ

As brisas da cibernética  
sopram da noite abissal.  
Dorme, dorme, ó robonauta,  
teu sono sesquipedal.

Inertes estão as fábricas.  
Cessou a respiração  
dos painéis ultramagnéticos  
que pulsam na escuridão.

Nos corredores assépticos  
pairam existências absortas.  
Teu olho acende o imprevisto  
na maçaneta das portas.

As multidões estão fartas  
do teu jantar de algarismos.  
Teu braço ensinou aos homens  
uma cartilha de abismos.

Teus sapatos relampejam.  
De metal são teus impulsos.  
Do teu sorriso imantado  
brota uma chuva de arbustos.

Nas madrugadas elétricas  
teu frio corpo reluz.  
Sopra um vento constelado  
de pensamentos azuis.

Teu coração de molusco  
é frio como um punhal.  
Não prova o sabor da vida  
nem seu gosto vegetal.

Nos espaços retilíneos  
brilham cartazes vermelhos.  
Teu sexo é um vector de gritos  
num cronograma de espelhos.

Dorme em leito de azulejos  
teu sono descomunal.  
Os ventos da cibernética  
sopram da noite abissal.

Os galpões estão imersos  
num letargo de mil jardas.  
Teus braços se multiplicam  
numa ovação de espingardas.

Dorme, enquanto os fabricantes  
de um pesadelo inconcluso  
fazem túmulos de asfalto  
para os homens do futuro.

## AUTODIDATA

De tudo aprendi um pouco.  
Aprendi o amor e o desamor,  
a traça, o acontecimento, o almofariz,  
o veneno deixado por descuido,  
o desgosto da bicicleta quebrada,  
a vergonha da namorada perdida,  
o adeus, o corrosivo adeus  
dos que partem para a viagem dentro da noite  
no último comboio arrastado por cavalos malignos.

De tudo aprendi um pouco.  
Aprendi a solidão dos rios e a calmaria espectral das  
[areias].  
Aprendi o balir das ovelhas e o cincerro das cabras.  
Aprendi o clamor das águas emigradas.  
Aprendi caminhos e descaminhos,  
veredas de escuridão que passam por dentro da alma.  
Aprendi a nostalgia das janelas  
que alongam as pestanas para ninguém.  
Aprendi a luz das águas  
que se cercam dum halo de pirilampos ao entardecer.  
Aprendi a palpitação do mar,  
aprendi o arco-íris desenhado numa lauda do céu.  
Aprendi o mistério descendo pela escada  
das altas clarabóias.

Aprendi a límpida intrepidez dos cavalos  
na hora irrevogável do amor.  
Aprendi a flor e seu êxtase.  
Aprendi os caminhos do incriado que passam pelo  
[coração.  
Aprendi que a liberdade é obra do coração.  
Aprendi sobretudo que as mãos  
foram feitas para ceifar o trigo do amor.  
Aprendi a agonia das mãos que modelam no ar  
o amargo contorno do adeus.  
Aprendi a obstinação dos mortos,  
o mistério dos rostos ceifados pelo alfange da lua.  
Aprendi o apelo da carne.  
Aprendi sobretudo, meu amor,  
que o sonho passa por nós como uma nuvem num céu  
[desconhecido.  
Uma nuvem que emigra para sempre,  
que se junta à inconclusa correnteza  
do tempo, que nos captura e nos despreza.



## SONETO DOS RUMINANTES

A Moreira Campos

Este sol é uma febre que se alastra  
sobre os bichos. A luz é um anjo preto  
que passeia a cavalo no esqueleto  
de um sonho. A solidão é uma pilastra

que sustenta o universo destas cabras,  
destes lerdos jumentos, destes bois  
cujo perfil roça as estrelas magras,  
ruminando o cansaço de depois.

A aranha deste sol trabalha e fia.  
Tece o algodão das nuvens ambulantes.  
No sabre desta luz canta a agonia

de um bandolim do tempo dos Infantes.  
O sol, bruxo das tardes, alumia  
a morte milenar dos ruminantes.

## CANÇÃO DESESPERADA

Nada se pode fazer  
contra o céu e a terra  
contra a nave e a nuvem  
contra o rinoceronte.

Nada se pode fazer  
contra a evidência das placas  
contra a malícia sinistra  
na testa dos burocratas.

Nada se pode fazer  
para apagar o estigma  
das vidas antepassadas  
dos sorrisos cabalísticos  
que nos cresceram na face.

Nada se pode fazer  
para sorrir que se ama  
para esquecer que se morre  
a cada nuvem que passa  
como um juiz taciturno  
velando o odor da lei.

Nada se pode fazer  
contra a solidão dos dias  
o mistério das paredes  
a inapetência dos quartos

a palidez dos retratos  
sorrindo de antigamente  
com dentaduras postiças  
perplexidades arcaicas  
meditações em pijama.

Nada se pode fazer  
contra a volúpia do tempo  
se insinuando nas têmeoras  
a estupidez das palavras  
pregadas em nossa boca  
no coração, nos ouvidos.  
Nada se pode fazer  
contra a vitória dos mortos  
para evitar que sejamos  
apunhalados dormindo  
pelo soluço e a memória.

Nada se pode fazer  
para agarrar o insólito  
para evitar que sejamos  
comidos pelo mistério  
esmagados pela fome  
de lucidez e pureza  
arrebatados pelo anjo  
que brinca de velocípede  
no topo do arranha-céu.

Nada se pode fazer  
para escapar ao mistério  
dos caudatários de Deus.  
Mistério que nos percorre  
do nascimento ao óbito  
mistério como um punhal  
ao tempo nos conduzindo  
mistério como um adeus  
na ponta dos nossos dedos.

## PRELÚDIO

Ser apenas eu-mesmo.

Algo aprisionado entre a luz e a morte  
sombra e claridade que se repelem  
tristeza que mendiga consolo  
saudade que se divide com as mãos  
solidão que se reparte com ninguém  
braços que ajudam a esquecer  
pernas que naufragam nas latitudes da morte  
olhos que amam  
boca que pergunta pela face espavorida da estrela  
dedos que mergulham na terra empobrecida de milagres.

Apenas uma sombra à mesa do café  
um desafio ao leite, ao mito e à cebola.  
O devorador de sistemas cotidianos  
o visionário de olhos entupidos de algarismos  
um homem que se despe  
da túnica áspera do grito  
que se descarta dos sentidos  
como de um cigarro que se atira pela janela  
ou de um sonho que se vomita para além das fronteiras  
[da noite.

Alguém que se desloca entre arcanjos imóveis  
que sabe o peso da solidão  
que a possui no enternecimento dos sentidos  
a solidão que perdeu a fala

## RECADO EM VERMELHO

Não te direi mais nada.  
Sequer te falarei de amor.  
Os olhos de areia das paredes  
são capciosos e cúmplices.

O vento soletra as nossas frases.  
Burocratas nos observam  
por trás da fita adesiva,  
da régua e do memorando.

Não te direi mais nada.  
Sequer te falarei dos mortos.  
Adiarei a próxima meditação  
para depois do enterro.

Sonho de ninguém mudará o mundo.  
Os mortos deliberam por nós.  
As paredes estão cheias de alusões.  
A um grito de nós o sonho apodrece.

Réstias de anúncios em vermelho  
chegam de noites sucintas  
e madrugadas interditas.  
Há sempre um morto embrulhado nos telegramas.

No mapa-múndi corre um rio  
que deságua em meu coração.

## POEMA DO NATAL

Canta dentro de mim um velho sino de aldeia,  
um sino cristão,  
triste e doce,  
que se junta à romaria dos pobres nas estradas.  
Um sino que se lambuza de poeira,  
que celebra os meninos descalços,  
que se mistura à nostalgia dos cinceros.  
Um sino que é mais dos homens do que de Deus.

Canta dentro de mim um velho sino de aldeia,  
longe,  
na crista ensolarada de algum verão,  
entre jumentos sonolentos  
e cavalos de olhar sentimental.  
Um sino que soluça nas tardes de ventos póstumos.

Canta dentro de mim um velho sino de aldeia,  
um menino longo  
de longo olhar voltado para dentro.  
Um menino confiscado pela sombra do pai,  
um menino extraviado entre aeroplanos de papel,  
pássaros de pluma encardida,  
o bêbado estendido na calçada,  
as beatas de face enrugada caminhando inexoravelmente  
para os seus delíquios na sacristia.

## II

Canta dentro de mim  
um velho sino de aldeia,  
entre os archotes da tarde.  
Canta enquanto me espanto  
da vida, enquanto me esquivo  
da morte. Canta, enquanto  
me desiludo de tudo.  
Canta, sino feiticeiro,  
na velha torre negra  
de alvenaria da minha vida.

Canta dentro de mim,  
velho sino de aldeia,  
para lembrar que existo.  
Canta por todos os homens,  
canta por Jesus Cristo.  
Canta principalmente  
pelos mortos, pelos bêbedos.  
Canta pelos namorados  
à beira da eternidade.  
Canta pelos vencidos  
da vida, pelos que só  
levaram porradas. Canta  
pela garganta de Deus.  
Canta ao sol, canta no escuro,  
canta por amor de nada,  
pela tristeza de tudo.

Canta dentro de mim,  
velho sino de aldeia,  
para lembrar que existo  
no tempo, que sou o indício  
da estrela, que participo,  
que existo fora da sombra,  
que existo fora do corpo,  
além da cama e da mesa,  
além da saudade espectral  
da carne, além do dilúvio.  
Canta por amor de nada,  
pela tristeza de tudo.

Canta dentro de mim,  
um velho sino de aldeia.  
Canta pelas alimárias  
que pastam nos descampados.  
Pelas cabras, pelos bois  
de lento andar litúrgico.  
Canta pelas corujas  
descosturando mortalha.  
Canta pela solidão  
dos rios, pelos seus brilhos  
corrosivos, de escorbuto.  
Canta pela dor de tudo.

Canta por Satanás,  
que foi anjo e não é mais.  
Canta pelos marujos  
perdidos nos mares sujos.  
Canta pelas prostitutas  
e seus desejos futuros.  
Canta pelos soldados  
colados às espingardas.



Canta pelos meninos,  
esses anjos interinos.  
Canta pelos finados  
à beira de escuros lagos.  
Canta pelos invernos  
e os mortos, que são eternos.

Canta, sino feiticeiro,  
para lembrar que existo.  
Canta por Madalena,  
canta por João Batista.  
Canta por Pôncio Pilatos,  
principalmente por Judas.  
Canta pelos Reis Magos  
e seus vesperais camelos.  
Canta pelos burocratas  
e seus dedos opressivos.  
Canta pelos brasileiros,  
canta pelo basilisco.  
Canta por todos os homens,  
canta por Jesus Cristo.

## ENTREATO

A vida é gorda e vã  
talvez. A vida é lúbrica.  
A vida é um desafio.  
Joga o teu jogo e cala.

Pede o menos possível  
ao sonho. Os deuses são  
mitos fabris. Ninguém  
joga o teu jogo. Inútil

cavalgar o futuro,  
fulgurante alimária.  
Tens apenas um rosto  
feroz, e o adeus é um álibi.

Joga o teu jogo e cala.  
Tens apenas o grito  
por testemunha. A pedra,  
o silêncio e a paisagem.

## SONATA EM VEZ DE SONETO

A Lustosa da Costa

Nós é que nos consumimos  
feito areia sob o punhal da lápide.  
Nós é que nos evaporamos  
em nuvem de nenhuma flor  
em orvalho de nada  
em penugem de solidão  
sob o olor de tudo que se apaga  
de tudo que envelhece  
de tudo que se busca em segredo  
para o adeus estentórico.  
Nós é que nos esfacelamos  
de encontro à eternidade.

## ARVORE

Meu pai plantou uma árvore. No solo  
pôs umidade, esquecimento e adubo.  
Regou-a com suor e desconsolo,  
cuidados de amoroso e água de chuva.

Meu pai quis ser um vegetal de vento,  
na escarpa deste abismo que clareia.  
O lenhador, o arcanjo sonolento  
de olhar de monja e de perfil de areia,

vibrou-lhe um golpe unânime de foice.  
O caule do mistério e a duradoura  
face dos rios o acharão na noite.

O lenho antigo reverdece agora.  
Hoje meu pai é seiva soterrada  
que abrange o tempo e abrange a eternidade.

## CANÇÃO SINTÉTICA

Na noite negra  
A gente corre  
Com tanta pressa  
A gente morre  
Com tanta guerra  
Porém não sabe  
Quando é que chega.

Na noite negra  
Tudo é sombrio  
Tudo é veloz  
Tudo se passa  
Como um segredo  
Com tanta guerra  
Com tanto medo  
O amor é um rio  
Que seca em nós.

Na noite negra  
De insônia e asfalto  
Tudo é tristeza  
Que não se acaba  
Tudo termina  
no anonimato  
Tudo é saudade

Do amor intacto  
Tudo é palavra  
Que se inaugura  
Tudo é incerteza  
Dum tempo exato.

Na noite negra  
Tudo é sombrio  
Tudo é veloz  
Com tanta guerra  
Com tanto medo  
O amor é um rio  
Que seca em nós.

## PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

De um tempo sem pedágio  
sem mortos profiláticos  
de primas com icterícia  
nos olhos sem malícia  
de noivos sem notícia  
saindo de bengala  
para convolar núpcias.  
De um tempo sem pomares  
no pênsil provisório  
dos prósidos proventos  
e dos protonotários.  
De um tempo sem lazeres  
no limo dos lagares  
no lombo dos lagartos  
de calmos aeroplanos  
pousados nos cavalos  
de tépidas terrinas  
com peixes fidedignos  
de caducas perucas  
e dos bandós à nuca.  
De um tempo sem vestígios  
na memória amnésia  
sem vagos vagotônicos  
sem mortos supersônicos  
sem robôs eletrônicos

sem bispos histriônicos  
(vagamente platônicos).  
De um tempo assim sem tempo  
chegaram meus avós  
com graves porcelanas  
nas abotoaduras.  
Depois os vi guardados  
no vidro da moldura:  
libélulas lilazes  
crescem nos calendários.



## SONETO OCIDENTAL

Ó tardes de azulejo e porcelana.  
Tardes apunhaladas pelas aves.  
Tardes que duram meses e semanas  
sobre a copa das lápides lilases.

Tardes da eternidade a sete chaves,  
das moças reluzindo a barbatanas.  
Tardes dois bois de chifres como adagas,  
dos girassóis de ocidentais pestanas.

Tardes do amor com listras de pijama.  
A espaçonave sobe da alameda  
por um caule de assomos. Nessas tardes

em que a mulher é doce nas pestanas,  
tomba o Anjo esmagado pela queda.  
E os mortos vegetais brotam da terra.

## ELEGIA

Agora é tarde  
para exprimir  
um verso ou flor.  
Agora é tarde  
para esquecer  
que pus o encontro  
no provisório.  
Agora é tarde  
para aprender  
a madrugada  
na tua face.  
Para esquecer  
que amei o amor  
só de segredos  
sem que ficasse  
vestígio algum  
de luz nos dedos.  
Agora é tarde  
para lembrar  
que de esperança  
toda a existência  
não se ladrilha.  
Agora é tarde  
para o regresso  
à antiga face

dos ancestrais.  
Agora é tarde  
para agarrar  
essa quimera  
de claridades  
espavoridas.  
E esse horizonte  
de ventos negros  
que se levantam  
da cidadela  
da nossa morte.  
Agora é tarde  
para plantar  
uma canção  
no esquecimento  
dos deserdados.  
Agora é tarde  
para rezar  
cantiga ou prece  
por esse morto  
que todos guardam  
no coração.

## POEMANÁLISE

Sabem os mortos que  
não me iludo com os vivos.  
Aprendi a ser triste  
vendo a alegria dos outros.

Passeio por mim  
como um peixe num aquário.  
Mas a transparência  
do sonho não me seduz.

Aqueles que me vêm  
apenas têm consciência  
de que me protejo  
contra uma ilusão de vidro.

Minhas barbatanas  
desenham pensamentos  
azuis que se projetam  
fora do espaço e são verdes.

Algarismos de espuma  
saltam dos meus olhos.  
E de minha boca escorre  
uma luminosidade de treva.

Passeio fora de mim,  
cardumes de olhos de ouro.  
Aprendi a ser triste  
vendo a alegria dos outros.

## CANTO OFICIAL

Um verso cai de repente  
do coração do incriado.  
Um verso dantes oculto  
no peito, em forma de pássaro.

Um verso preso à memória  
dos ancestrais vingativos.  
Veio de infância e saudade  
a nos tecer de raízes.

Um verso cai de repente  
em nossas mãos. Um soluço  
que se parte e se reparte  
e nada resta de tudo.

Um verso que canta alto  
no coração do incriado.  
Um verso escondido à surdina  
no peito, em forma de lago.

## A RUA

Ainda me sobe ao nariz  
o odor primordial das coisas.  
A velhice dos tempos  
aumenta o nosso desamparo.

Busco o que me foge das mãos.  
O fruto ao meu alcance está lindamente podre.  
Os mortos são aqueles  
em quem nos reconhecemos deserdados.  
Uma rua de tijolos negros  
passa rente à minha alma.

Todas as tardes  
escuto a solidão de um sino  
que chega dessa rua  
entre o que fui outrora  
e o que não fiz de mim.

## A CASA

De tijolo e barro  
se quer a morada.  
Aqui se guarda a face  
contra a noite e o vento.  
Aqui se adorna o sexo  
contra a solidão.  
Aqui fenece a alma  
que não se coaduna.

De tijolo e barro  
algo se acrescenta  
à antiga dor da carne.  
Uma casa é uma árvore  
de cal que dá sombra  
e flor à eternidade.  
Uma casa é uma asa  
da ave que é nossa alma.

De tijolo e barro  
a construção se alteia  
rente à ventania  
O vigamento e a telha  
dão corpo e forma ao sono  
dos mortos em desuso.  
Aqui se muda o amor  
em solidão e adubo.

De tijolo e barro  
se quer a espessura  
das altas paredes.  
Da casa se alevantam  
vultos de ancestrais.  
De barro e esperança  
se quer a existência  
casa provisória.

De tijolo e barro  
se quer a morada.  
Aqui se guarda a face  
contra a noite e o vento.  
Aqui se esconde o rosto  
do anjo oprimido.  
Daqui se parte a alma  
que não se coaduna.

De tijolo e barro  
o arquiteto engendra  
esses espaços limpos  
de clamor e contactos.  
(Fantasmas de ancestrais  
nos corredores mudos?)  
Aqui se muda o amor  
em solidão e adubo.



## ROMANCE DO BOI PÓSTUMO

Para Ivonete Maia

Pelos descampados  
tudo é sol e vento.  
Da terra oprimida  
nascem caravanas.  
Negra romaria  
de presságios anda  
por confins e estradas,  
currais, latifúndios.  
Pálida, entre espectros,  
a morte passeia  
num corcel de ossadas.

Pelos descampados  
erra o boi defunto.  
Persegue a memória  
do gado insepulto.  
Reses solitárias  
surdem nas clareiras  
nas horas polidas  
de vento e cincerro.  
Mas o boi defunto,  
a reluzir de negro,  
ninguém sabe o pouso  
desse aventureiro.

Seu mugido inteiro  
fende os descampados  
nas noites de estrelas  
e ventos pressagos.  
Quem o escuta, sabe  
que esse som soturno  
sai das profundezas  
do gado insepulto.  
Um clamor de entranhas  
que sobe dos lagos,  
fatais como facas.  
Um clamor de afagos  
para a formosura  
triste dos bezerros.  
Quem o escuta, sabe  
que esse canto espesso  
nasce da garganta  
desse aventureiro.

Branças madrugadas  
cor de vento e areia  
pousam nos objetos.  
Pálida, entre espectros,  
a morte passeia  
num corcel de ossadas.

Ninguém sabe o pouso  
do boi resoluto  
Só sabe o mistério  
de que o boi se inunda  
Não sabe a malhada  
do boi transeunte.  
Sabe o sortilégio  
que o mantém no mundo.

Ninguém sabe o pelo  
que lhe doura o cenho.  
Não sabe a espessura  
fabril do sedenho.  
Só sabe o destino  
do boi semovente.

Pelos descampados  
erra o boi sendeiro  
nas horas polidas  
de vento e cincerro.  
Não é fome ou cio  
(solidão às vezes.)  
É talvez tristeza  
o que esse boi carrega.  
É talvez o peso  
da morte incessante  
que o persegue como  
sombra de ave negra.  
É talvez lembrança  
do antigo bezerro.

Pelos descampados  
ouve-se um soluço  
vindo do desterro.  
Dizem que isso é reza  
do boi manteúdo  
pela alma esquecida  
do gado insepulto.  
Dizem que é lembrança  
da morte insalubre.  
Do fulgor das facas  
no passeio fúnebre.  
Dizem que é saudade  
do clamor de tudo.

Ninguém sabe a trilha  
desse boi andejo  
Não sabe as cacimbas  
onde mata a sede.  
Ninguém sabe a marca  
dos cascos na areia.  
Só sabe que muge  
quando é lua cheia.  
Ninguém sabe o aspecto  
desse boi fantasma  
filho do desterro.  
Só sabe o feitiço  
do focinho austero  
rumo à paz do antigo  
curral dos bezerros.

Dizem que o lamento  
do boi taciturno  
atravessa os ermos  
do infinito mudo.  
Dizem que é presságio  
de um tempo futuro  
sem morte iminente.  
Sem facas volúveis  
de bovinos gumes  
feitos para o arcaico  
rito dos curtumes.

Quando a noite avulta  
sobre os descampados  
ouve-se um soluço  
de vento e cincerro.  
Nas alvas estradas  
tudo é negro. Tudo  
é solidão pura.  
Clara correnteza

para a plenitude.  
Nessa hora pressaga  
erra o boi noturno  
pelos descampados.  
Tudo é negro. Tudo.

Nessa hora sinistra  
de incerteza e augúrio  
ouve-se o mugido  
do boi manteúdo.  
Dizem que é lamento  
pelo sangue alheio  
que escorreu no mundo.  
Pela alma de areia  
do gado insepulto.  
Nessa hora estagnada  
de luar difuso  
todo é negro. Tudo.

Branças madrugadas  
cor de vento e areia  
pousam nos objetos.  
Pálida, entre espectros,  
a morte passeia  
num corcel de ossadas.

Pelos descampados  
um clamor inútil  
sai do purgatório  
do gado insepulto.  
No céu tardos astros  
pestanejam. Tudo  
é solidão pura.  
Na terra ensopada  
de agonia e adubo  
tudo é negro. Tudo.

## CANÇÃO FORA DO PÃO

Todas as tardes  
vejo o padeiro em seu macacão de brim azul.  
Passa assobiando alguma canção  
que aprendeu há muito tempo  
(talvez quando era menino).

A canção é triste  
mas o padeiro o ignora.  
Não sei o que dói em mim  
todas as vezes que o vejo passar  
dentro do macacão de brim AZUL.

Fosse eu esse padeiro  
(macacão de brim azul)  
sem outra realidade  
além do assobio que toma conta da rua  
além da canção que se apodera de mim.

Fosse eu esse padeiro  
que cospe copiosamente à cara do freguês  
sem sentir remorsos por isso.  
O pão é triste, igual à canção.  
Mas tem cheiro e sabor  
e por isso o padeiro é feliz.

Permaneço à janela  
até que o assobio desapareça na esquina.  
Mas o azul perdura nos meus olhos.  
Fica a lembrança  
em meu coração  
do assobio e do cheiro do pão.  
Triste igual à canção.

## A FONTE

Para Artur Eduardo Benevides

Bebemos da fonte e a ela  
voltamos com sede maior.  
A fonte fica defronte  
aos rios que vêm do ser.

A fonte é inesgotável  
no seu fluir por nós.  
A fonte nunca cessa  
de jorrar no depois.

A fonte é na confluência  
do antigamente e do agora.  
A ela voltamos com sede  
maior de gesto e memória.

A fonte brota dos dedos  
e escorre por nossa pele.  
A fonte corre em segredo  
para os rios da matéria.

A fonte nasce do ombro,  
vai a correr pela infância  
para que o canto ultrapasse  
o desencanto do cântaro.

A fonte é inesgotável  
no seu fluir por nós.  
A fonte corre à deriva  
dos rios que vêm do ser.

## PASTORAL DOS DIAS MADUROS

Que fiz dos verdes dias  
de afoito anonimato?  
Do tempo e seus pendões  
de espigas por ceifar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

Que fiz duns olhos negros  
da cor dos temporais?  
Duns olhos esquecidos,  
dos quais me dói lembrar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

Que fiz dos pirilampos  
guardados na algibeira?  
Dos gestos dos avós  
gravados no espaldar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

Que é feito dos cavalos  
de crinas cor de milho?  
Duns olhos que sorriram  
para me enfeitçar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.



Que fiz do meu destino  
às portas do ancestral?  
Dos rostos que aprendi  
sozinho a soletrar?  
— O vento os carregou  
Para os confins do mar.

Que é feito dos alpendres  
de esteios venerandos?  
Dos rios que em meu peito  
cantavam sem cessar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

Que fiz dos meus sapatos,  
adubo de meu pai?  
Dos mortos me ofertando  
seu riso milenar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

Que fiz da minha vida,  
dos sonhos que sonhei?  
Que fiz dos meus desejos  
num potro a galopar?  
— O vento os carregou  
para os confins do mar.

## SONETO DO MAR EQUÈSTRE

A Sanzio de Azevedo

Cai a noite escamosa sobre o mar.  
Noite ancestral de adagas e arrepios.  
Dançam nas águas, dançam devagar,  
mastros molhados, restos de navios

e espectros de afogados ao luar.  
Os mortos ressuscitam nesses rios  
onde a canção não cessa de embalar  
os barqueiros alegres e os sombrios

Cai a noite escamosa sobre escarpas.  
Noite de estupro e seios prematuros,  
de reis assassinados por vassalos.

Cresce a noite salobra nessas barcas  
que flutuam no sono dos marujos.  
Nas aldeias do mar nitrem cavalos.

## BALADA DOS CARDEIROS EM FLOR

A Iranildo Sampaio

Entre o que fui e o que sou  
prospera uma noite imensa.  
Passa uma rua comprida  
plantada de lajes negras.  
Uma igreja ornitológica  
sino e o balir das ovelhas.  
Sol dos cardeiros em flor  
entre o que fui e o que sou.

A palmatória de cedro  
na cadeira veneranda  
de espaldar sesquipedal.  
A refeição de algarismos  
tarde a escorrer da incontida  
respiração dos cavalos.  
Sol dos cardeiros em flor  
entre o que fui e o que sou.

Nesse estranho latifúndio  
fica uma estrada de ausências.  
Os mortos com seu trejeito,  
pálida a face ancestral.  
Sopra um vento aventureiro  
das praias da eternidade.  
Sol dos cardeiros em flor  
entre o que fui e o que sou.

Sou chamado a julgamento  
pelos mortos conclusivos.  
Sentir que o sonho apodrece  
nojo de amadurecer.  
Reflexos de sepultura  
passeiam na escuridão  
das ruas por onde vou  
entre o que fui e o que sou.

A morte escorre no asfalto  
com seu lustroso arrepio.  
Sopra uma aragem de vidro  
da escura boca das fábricas.  
O amor espreita às esquinas  
da nossa perplexidade.  
Um sol de império esfriou  
entre o que fui e o que sou.

Uma ovação de heliotrópios  
vai no infinito esbarrar.  
Surde a espiral dos besouros  
na curva da escuridão.  
Fica um lago de soluços  
no ar se o sino se cala.  
Mortos que a vida enterrou  
entre o que fui e o que sou.

Cabe num cubo de treva  
toda a solidão do mundo.  
Inúteis são nossos dedos  
para o mistério agarrar.  
A pobreza é uma fronteira  
muro de náusea e palavras  
que a esperança edificou  
entre o que fui e o que sou.

Entre o que fui e o que sou  
fica uma face no espaço  
que agita as mãos venerandas  
para agarrar a minha alma.  
Uma lauda de cabritos  
que o entardecer desenrola.  
Sol dos cardeiros em flor  
entre o que fui e o que sou.

## SÔNIA E A INSÔNIA

A moça foi-se deitar  
na cama só de murmúrios.  
Crispada a noite lá fora,  
prenúncio de gravidez.  
Uma brisa de volúpia  
soprava das profundezas  
cingindo o corpo ondulado  
de pensamentos insignes.  
Era uma noite de espaços.  
Noite com sofreguidão.  
Surtas as rosas dos seios,  
contida a respiração.  
A moça alisou a nuca,  
viu o corpo estremecer.  
Gosto de fruto oprimido,  
prestes a amadurecer.  
Houve um pedaço de lua,  
réstias de flor na vidraça.  
Na cama os lençóis aflitos,  
noite com sofreguidão.  
Um desejo parte em vôo  
rumo à presença agressiva  
perdida no emaranhado  
duns olhos de rendição.  
A moça engoliu a noite,

porém brilhos permanecem.  
O quarto pode-se ouvir  
a respiração dos móveis,  
o crepitar dos espelhos.  
Pode-se ouvir o momento  
rebutando impetuoso  
como uma rosa num jarro.  
A moça espera o improvável  
desabrochar dum milagre.  
Alisa a nuca outra vez,  
nunca o amor ardeu assim.  
Tudo é um redondo arrepio  
que lhe doura os movimentos,  
contida a respiração.  
Cessa o vento nas cortinas  
mas há rumor nos cabelos,  
respingos de solidão.  
Uma paisagem de afagos  
quanto é nudez reverdece.  
A moça embala o dormir  
como se embala uma estrela  
menor num remoto céu.  
Busca a presença agressiva  
que pode irromper da noite.  
Como à procura da fala  
que o mundo espera dos mortos.  
Ouvuiu a dor que irrompia  
do organismo do mistério  
(dor porosa e adocicada).  
Depois imergiu no espelho  
como num lago de sombra.  
Mas os apelos da carne  
chegam da espera mais longa.  
Debruçada numa estrela,  
quis a presença na mão.  
Viva, enroscada no caule

sangrento do coração.  
Quis a dor emancipada  
de toda a libertação.  
Tão livre como só pode  
ser uma flor que se oferta  
ao caule de nossas mãos.  
Quis a nudez perturbada  
num reluzir de contactos.  
Mas a noite enlanguescia,  
e com tal sofreguidão,  
que a moça ficou perdida  
nuns olhos de rendição.  
O quarto pode-se ouvir  
a dor imóvel dos móveis.  
O soluço da matéria  
dentro da meditação.  
O quarto pode-se ouvir  
profunda, secreta fala  
de coisas interrompidas.  
Pode-se ouvir a canção  
das artérias libertadas.  
A moça afaga a presença,  
contida a respiração.  
Rente à brisa há pirlampos  
pastando a doce penumbra,  
o sono com lentidão.  
A moça pressente os mortos,  
seu deslizar e penugem.  
Sabe que os mortos prosperam  
na vibração das paredes.  
Mas depois os afugenta  
para a vasta escuridão.  
Mergulha num lago ardente  
de espasmo e palpitação.  
Toda imersa na presença,  
a moça pôs-se a embalar.



Era uma noite de espaços,  
dessas que chegam do mar,  
presas à dor dos marujos  
e ao seu feroz meditar.  
A moça foi-se deitar,  
contida a respiração.  
Quis o amor igual à morte.  
Mergulho e ressurreição.

## A PERGUNTA

Se o amor virou negócio  
virou brinquedo espúrio  
Se a lauda pornográfica  
exibe com despudor  
a marca da solidão  
no corpo da mulher

que fazer?

Se o amor foi desterrado  
da antiga formosura  
Se os jornais anunciam  
que os deuses estão mortos  
sumidos para sempre  
num sono de heresias  
Se o céu não restitui  
a cor da nossa fala  
e a paz que sei do ser

que fazer?

Se o vento industrial  
soprou da escuridão  
vento de carabinas  
na noite esfacelada  
Se os homens resolveram  
brincar de solidão  
Se a vida permanece  
duro amadurecer

que fazer?

Se os braços já não crescem  
para agarrar estrelas  
Se os homens se afogaram  
num lago de algarismos  
Se os robôs deliberam  
num complô de astronautas  
que a canção vai morrer

que fazer?

Se os soldados de chumbo  
foram decapitados  
Se agora estão florindo  
num túmulo de vespas  
Se as paredes têm fome  
se aumenta a procissão  
dos mortos desnutridos  
Se o grão que foi plantado  
começa a apodrecer

que fazer?

Se o amor já não nos basta  
para tamanha sede  
se o verso mais banal  
não brota dos meus dedos  
Se a dor mora no quarto  
alheia ao vento e à grama  
como se o tempo houvesse  
parado de correr

que fazer?

## BALADA DO RIO

A José Alcides Pinto

O rio nasce em mim,  
começa nos meus ombros.  
O rio aduba os mortos,  
os bichos e outras sombras.  
O rio arde em meu peito  
como um prazer que dói.  
O rio enxuga a areia  
com infinita sede.

O rio é um cão sedento  
que lambe a própria língua.  
O lombo é de ouro e brilha  
como uma estrada limpa  
onde só passa o vento  
e dor não houve ainda.  
O rio abarca a noite  
com infinita sede.

O rio era um deserto  
de solidão e areia.  
Chegava a ser molhado  
da espuma que não veio.

O rio lembra um arco  
em volta de si mesmo.  
O rio alaga a alma  
com infinita sede.

O rio está guardado  
na solidão dos bichos,  
nos olhos penugentos  
das aves de rapina  
O rio está escrito  
na pele das ovelhas  
que o vão beber à tarde  
com infinita sede.

O rio prisioneiro  
faz tempo que não anda.  
O rio está grisalho,  
mendigo venerando  
que passa pela estrada  
onde só o vento canta.  
O rio estanca às vezes  
com infinita sede

O rio uiva à paisagem,  
é quase um cão sedento.  
O rio nasce em mim,  
sou límpido e vertente.  
O rio impregna os bois  
de quanto é brisa e verde.  
Os bois que o vão beber  
com infinita sede.

## O DEUS SOMBRIO

A solidão, meu Deus, essa cadela  
insigne, anda comigo e meu destino.  
Esta tarde é outra tarde. Não aquela  
tarde de aldeia em que nem sol nem sino

celebraram meu sonho. Hora e estrela  
são achas que se acendem no menino  
quando o arcanjo se encolhe, e uma janela  
se abre para as terras do divino.

Esta tarde é outra tarde, e em mim se deita  
seu perfil de afogada, a gotejar  
restos da eternidade rarefeita

de que somos o enigma por ceifar.  
Esta tarde é uma ponte, e eu sou o rio  
que adoça espigas para um deus sombrio.

## A MÁQUINA

A Caetano Ximenes Aragão

A máquina sai a passeio conosco,  
senta-se à mesa conosco.  
Usa os nossos sapatos,  
usa até mesmo os nossos sentidos.  
A máquina participa da nossa intimidade,  
dos nossos negócios.  
Vai conosco à repartição,  
à igreja, ao banho de sauna, ao ambulatório.

A máquina nos investiga  
com seu olho fundamental.  
Suas infinitas possibilidades eletrônicas  
A máquina nos adverte  
sobre possíveis disfunções metabólicas.  
A máquina nos decide.  
Somos caudatários da máquina.  
Ela produz a nossa solidão,  
nossa vida e nossa morte  
Precisamos ser fiéis à máquina.

A máquina usa as nossas mãos  
para plantar e colher,  
para disparar o fuzil,  
para ceifar o trigo dos mortos.

A máquina vai pontualmente aos enterros,  
casamentos e batizados.  
A máquina é sociável e insaciável  
A máquina nos engole,  
o seu paladar nos digere.  
A máquina ri de nós  
(o riso esbelto da máquina, riso mefistofélico).

A máquina nos impele para  
um rio que deságua num túnel do comprimento da noite  
A máquina tritura o sonho  
feito água. Fome de aço, trigo e eternidade.  
A máquina é surda aos apelos da carne  
O amor é um vômito.  
A máquina não tem sexo, tem nexo.  
A máquina reproduz,  
com a vantagem de não contrair lues.  
A máquina dorme contigo,  
porém o computador ignora o amor.  
A máquina nos pulveriza.  
Somos impelidos para um rio  
que deságua num túnel do comprimento da noite.

A máquina usa o nosso corpo, usa a luz inconclusa  
do metal que nos clareia.  
Usa o ferro do sonho e da alma.  
A máquina tem boa memória.  
Sabe de cor o nosso rosto,  
teu coração e minha face.  
Sabe o nariz e os bens-de-raiz,  
sabe o gado e o almofariz.  
Sabe até mesmo os nossos pensamentos,  
a cor do céu e do vento.  
Sabe até mesmo o cheiro dos lençóis,  
que os invernos antigos boiavam docemente sobre nós.



## CANÇÃO DESCONSOLADA

No coração da noite insalubre  
meus olhos te buscarão  
ossuário da eternidade.

No coração da terra inaugurada  
crescerei sem desejos.  
Soluço mineral de paz estagnada.  
O arcanjo de alfange paladino  
em seu cavalo de sono e fogo.

No coração da matéria corrosiva  
plantarei uma rosa de água  
um pássaro de canto resoluto  
um soluço de madrugada prisioneira  
uma solidão de vento e paisagem  
um pensamento de braços estendidos para o adeus.

## BRASÃO

Para Carlos D'Alge

Portugal d'antigos brios,  
Mar ao sol, velas abertas.  
Das quilhas dos teus navios  
Saltam terras descobertas.

Portugal, flor de azulejo,  
Mar de assalto e profecia.  
Um barco descendo o Tejo  
Aos gritos da mouraria.

Deslizai, que o tempo voa,  
Tristes águas do Mondego.  
Cantai, que ao som de Lisboa  
Dorme Inês nunca em sossego.

## CANÇÃO DO VENTO

Parte de mim  
meu ser por dentro  
minha outra face  
que não me lembro  
(esta agonia  
anda no vento)

Parte do sonho  
que dura sempre  
vida enroscada  
noutras presenças  
(esta incerteza  
anda no vento)

Parte do sumo  
que a mão espreme  
restos do arcanjo  
que são do ventre  
(esta saudade  
anda no vento)

Parte da vida  
que a morte engendra  
grito e mergulho  
fora do tempo  
(este presságio  
anda no vento)

Parte de mim  
que não entendo  
minha outra face  
que ri por dentro  
(esta mentira  
anda no vento)

## SONETO VACUM

A Eduardo Campos

Nos campos onde o negro se destaca,  
antigamente o sino do cinerros  
velava o entardecer junto da vaca,  
olhos aflitos fitos no bezerro.

O lago escuro brilha como faca.  
(Frio fulgor fatídico do ferro.)  
Um vento afoito e uma tristeza opaca  
aumentam mais o enorme do desterro.

Anda agora um clamor pelas estradas.  
Solerte é o sol. Presságios de negrume  
dançam no ar. Qual lâmina insalubre,

o vento afoito atrita nas ossadas.  
A vaca assoma à porta do curtume,  
e o leite do luar pinga do ubre.

## NOITE

Imensa é a noite.  
Imensa a escuridão com que me cubro.  
Mas a noite não cabe o meu sonho.  
Não cabe essa agonia que se esgalha em meu peito  
como um vegetal que se ama.

Imensa é a noite.  
A noite com seus fundamentos de gusa.  
Mas a noite não cabe o meu rosto.  
Imensa é a noite  
que transborda do tempo e de mim.

A noite é um prolongamento dos meus braços.  
Mas a noite não me devolve a paz  
nem o anjo que desesperadamente procuro.  
A noite me pesa.  
Ilha de esperas  
e pensamentos espúrios.

Imensa é a noite.  
Mas não cabe a menor das ternuras  
que a saudade  
guarda dos mortos.

## SONETO DOS ANCESTRAIS

Minha mãe! minha mãe! eu vou rezar  
por essa dor que herdei de meus avós.  
O Deus dos ancestrais sabe escutar.  
Rezarei pelos mortos e por nós.

Minha mãe! minha mãe! foi o luar  
que tangeu este sino em minha voz.  
Foi a dor de meu pai que eu vi passar  
contra o perfil platônico dos bois.

Vou rezar pelo enterro das saúvas.  
Rezar também para que o trigo cresça,  
pelo tear que tece e pelo fuso

em que se enrola a malha dessas rugas.  
Vou rezar pela fonte que não cessa  
de correr dos teus olhos em desuso.

## LITURGIA

Há um rumor de infâncias soterradas  
no coração. A estranha liturgia  
cresce dentro de nós. Encruzilhadas  
do tédio. São do dia que se adia  
no amor, essas visões dilaceradas  
do deus que cada dor carrega. Orgia  
vã do vão entendimento. São nada  
que em tudo se convertem. Fantasia  
do sonho emparedado, que se esgalha  
no peito e é necessário cultivar  
em solidão. O espectro ronda a aflita  
dança das sombras presas nessa malha,  
que o destino não cessa de fiar  
para a nudez dos mortos infinita.



## O REINO

O existir se queima feito chama  
que se alastra em si mesma  
e a si mesma devora.  
Angústia dourada do existir.  
Cada manhã é uma nova encruzilhada  
entre o mergulho e a espera.

O centro está em mim  
mas ignoro a sua intensidade.  
Vou de encontro à luz  
e esbarro em meu próprio corpo,  
catedral de matéria alucinada.

Angústia dourada do existir.  
Deus é um instante solene  
de vazio luminoso.  
E para além desse instante  
é o reino dos mortos.

## SONETO CÓSMICO

Aconteceu que um vento profanasse o sigilo do sótão,  
que o arco-íris fugisse a galope pelos rincões  
do céu, e que minha avó sacudisse as pestanas  
empoeiradas sobre as dobras engomadas do meu coração.

Aconteceu que o morto se levantasse no meio da noite,  
fosse à cozinha apanhar as alegres caçarolas  
de alumínio e depois caminhasse solenemente  
em meio ao bafo lunar das vacas adernadas no curral.

Aconteceu que minha avó ardesse ao fogo no umbral,  
e que as alvas rãs pousassem nela os seus olhos  
íntimos, olhos minerais de fulgor profanado.

Aconteceu que o sangue nupcial dos cordeiros  
escorresse no alpendre, e que as nódoas do seu  
holocausto  
nos fitassem do fundo tenebroso do alguidar.

## OS ANCESTRAIS

Sei que nada sabemos quando os mortos se calam.  
Ciente da escuridão  
prossigo por veredas de nada.  
O pólen do mistério me envolve  
entre apodrecimentos e ressurreições  
Sei que nada sabemos.  
Tudo o que aprendi foi a lição dos ancestrais.  
Eles me acenam com pestanas de terra.  
Os mortos encalhados na paisagem.  
Os mortos com gestos verdadeiros  
e as órbitas repletas de sarcasmo.  
Sei que nada sabemos.  
Os outros tropeçam desesperadamente nos detritos  
da minha sombra.  
Fui arrastado a um lugar  
onde tudo que não se move apodrece.  
As ruas que nascem de mim prosseguem no infinito.  
São becos eternos.

## AS ÁRVORES

Árvores audazes deitam  
a cabeça sobre os ombros  
gretados das lápides  
num desafio aos verdes ventos  
que fustigam a terra  
e os dias de repente azuis  
e os duros cabelos dos mortos  
e o seu nariz de lágrimas.

Árvores audazes mergulham  
no verde do tempo em fogo.  
Deitam raízes na carne  
em flor das jovens mulheres  
em cujo ventre a espera  
se fez semente e audácia.  
Reparai que em seus cabelos  
descansa a eternidade.

## CANUDOS

A Nertan Macedo

Dentro da noite invicta as sombras das escarpas  
lembram negros perfis de deuses carrancudos.  
As crinas do corcel são belicosas harpas  
tangidas pelo vento infausto de Canudos.

Grandes vultos senis de arcanjos e monarcas,  
nuvens brandem no céu seus alfanges pontudos.  
Nas cercas fantasmiais da aldeia restam marcas  
do Profeta imolado entre andrajos e escudos.

Um céu de inanição clareia os descampados.  
O silvo dos clarins lembra o silvo das cobras  
e o grito pertinaz dum pássaro agoureiro.

Das fortificações de esteios soterrados,  
que o vento amortalhou num sudário sem dobras,  
surde o vulto espectral de Antônio Conselheiro.

## II

A Dorian Sampaio

O sangue dos clarins e o sangue dos cardeiros  
tingem de vermelho os arrebois nordestinos.  
Passam pelo arraial ventos aventureiros,  
devastando os sertões num tropel de bovinos.

Canudos arde ao sol dos tempos derradeiros.  
Dobram, sinos dos bois, cincerros vespertinos.  
O sangue dos clarins e o sangue dos cardeiros  
fazem brotar da terra arroios de alevinos.

No azul de ardósia e ardil a asa negra da parca  
dardeja entre esporões de cumes altaneiros,  
num delírio estival que todo o espaço abarca.

Na aldeia erra um torpor de letargos letais.  
Canudos arde ao sol dos tempos derradeiros,  
numa aurora espectral de ossadas fantasmiais.

### III

Ao Prof. José Valdivino

As portas do arraial a aurora amotinada  
clareia os funerais de um sonho em combustão.  
Os pálidos perfis da plebe assassinada  
são soturnos pendões de estranha plantação.

São jagunços e heróis aos ventos da emboscada.  
As chamas dos fuzis e os fumos da oração  
sobem pelos umbrais da noite escancarada.  
Repicam pelo espaço ermidas de algodão.

Campeia agora o horror de um silêncio altaneiro.  
Os corpos dos heróis são corpos de meninos  
que um deus arrebatou num corcel carmesim.

Dos gelados confins da Morte o Conselheiro  
cuida ouvir o tropel dos rebanhos bovinos,  
nos longínquos sertões de Quixeramobim.

## II

# Salmo de Areia

*Rompe do meu coração um discurso solene.*

*(Salmo 44, v. 2)*





## ELEGIA Nº 1

Recordo a tua face aconchegada sob a pálpebra  
dos grandes invernos.  
Recordo os teus braços  
e a generosa tessitura dos teus músculos irrigados de  
sangue

Tua face imperativa como um brasão.  
E a curva de tuas sobrancelhas,  
dois pórticos alevantados  
sobre uma formosura de abismos.

Recordo os teus olhos.  
Formosos os signos da tua eternidade.  
Recordo o tecido enérgico de tuas mãos,  
prodigamente desabrochadas como flor  
em tempo de sol e azul.

As tuas mãos vincadas de sonho,  
acostumadas à ternura dos insetos,  
que a chuva torna mais amorosos e são doces.

Recordo a tua solidão,  
quando os ventos nômades sopravam do Nascente,  
dispersando acampamentos de nuvens  
e espalhando no céu solitárias povoações de areia.

Recordo a tua face derradeira  
e esse olhar terroso de agonia  
que enviaste para a terra exaurida dos teus ancestrais.

Para aqueles que amaste,  
para os bichos e os outros irmãos.  
Esse olhar que era como o espírito das águas  
escapando da fonte dos teus olhos.

Formosos os signos da tua eternidade.

### ELEGIA Nº 3

Minha alma molhou as asas nesse pântano  
que é o sono caudaloso dos mortos.  
O chão em que piso é uma vasta agricultura de lápides.  
A terra foi tomada de assalto  
pela sombra de um povo de vassalos.  
Sou o que foi amamentado pela árvore tutelar  
de tetas escamosas e copa sumarenta.  
Ó Rainha, cuja nudez e seu fogo me têm consumido a  
alma  
brasão conspurcado desse império de noites demolidas.  
Meu coração é uma cicatriz desabrochante  
no ombro esquerdo de Deus.  
Nitrem os verões, os cavalos de espáduas reluzentes  
e essas crinas de arauto fumegante salpicando  
o incólume entardecer.  
O povo me acena com fochos acesos  
e os braços que se agitam são âncoras encharcadas de  
sangue,  
asas que se levantam do horizonte soterrado  
no ossuário das águas.  
As torres do Castelo ruíram sob espadas.  
Ó Rainha, que em doce cativo me tivestes!  
Volto a navegar pelas calmas águas deste Canto.  
Cruzarei os altos portais dessa Noite  
de assombros e brindarei a esse estigma  
de febres imortais que circunda vossa tão insigne  
cicatriz.  
Minha alma molhou as asas  
nesse pântano que é o sono caudaloso dos mortos.

## ELEGIA Nº 4

Busco o esplendor das árvores que derrubas,  
e que voltam a reverdecer  
na floresta das paredes,  
cercadas de cintilações íntimas  
que escapam dos gestos negligentes das mulheres  
e da alma arcaica e libidinosa dos quartos.  
A ferramenta do sonho todavia não te basta.  
Os caules aprumados para o céu  
se desenham na tua retina  
como portas escancaradas para uma noite de  
relâmpagos.

Algum dia, ó fazedor de portais,  
sairemos por uma das frestas  
embutidas na parede da nossa solidão.  
Algum dia, que não saberemos,  
isso será tão verdadeiro  
como esse vigamento de caules maduros  
que as tuas mãos projetaram  
numa perspectiva da eternidade.  
Algum dia escaparemos à prisão de escuma de nossa  
fala.

E só a memória ficará latejando  
no frontispício carregado de anjos dos altos portais.

## ELEGIA Nº 7

Ainda escuto o marulhar de vossas mãos  
e a música que era como chuva estival em vossos dedos,  
quando as leiras se abriam docemente,  
ao contacto de vossos desígnios.  
Então a terra era uma fêmea de ventre entumescido,  
e a luminosidade dos seres noturnos  
prolongava as horas nômades do dia.  
O cáldo entardecer,  
feito bicho amoroso,  
se encolhia sob a asa sonolenta dos alpendres,  
ao sopro majestoso da respiração dos cavalos.

Ainda escuto o marulhar de vossas mãos  
e esse ímpeto de vaga salobra  
que escorre do cântaro imperecível de vossos olhos,  
os signos de vossa eternidade.  
Ainda escuto o farfalhar de vossos ombros,  
sacudidos pelos ventos  
dessas tardes ressoantes de abelhas,  
quando as leiras se abriam docemente,  
ao contacto de vossa agonia.

Ó homens encardidos de solidão e poeira!  
Venho testemunhar diante de vós,  
para que a vossa desdita não se apague do meio das  
pedras,  
e seja como um timbre de fogo  
que se imprime na espádua do Rei.  
Ó homens encardidos de tristeza!  
Eu vos oferto minha face  
para que nela se apague a solidão do estrangeiro.

## ELEGIA N ° 8

Todos partimos para um lugar  
onde a existência apodrece sob um fardo de silêncio e  
areia.

Algum dia, quando o mistério bater à minha porta,  
haverão de saber quem sou.

Agora vejo a tarde que vem vindo.

Os pássaros e um turbilhão de folhas amarelas.

Vejo o reluzir da alma  
e sua secreta tessitura.

Aqui é o lugar dos escolhidos,  
o chão pedregoso dos eleitos.

A energia do todo se esgalha pela existência numerosa.

Os ancestrais não se evadiram de mim.

O clamor dos antepassados.

essa palpitação lateja em minhas fontes.

Parto de mim para o encontro

da grande bolha amarela

que palpita no fundo do ser.

Queima-se a tarde, uma labareda de escombros.

A eternidade é uma ponte

estendida sobre a última plenitude do homem.

E o seu peso nos oprime.

O breve palpitar do ser não basta para aplacar a sede  
da solidão transeunte.

A Mulher arqueia as sobrancelhas fatigadas.

O seu olhar abarca as verdes latitudes submarinas.  
Respira a saudade salobra da vaga arquejante,  
o mistério das formosuras dilaceradas.  
O ventre da Mulher é uma ilha.  
O seu umbigo, a porta secreta para irresistíveis  
conciliábulos.  
Todos partimos para um lugar onde a existência  
apodrece sob um fardo de silêncio e areia.

## ELEGIA Nº 9

O sol torrencial chegou mais uma vez  
ao seu portal de glória.

O sol mais uma vez desenterrou o sorriso alagado dos  
mortos.

Vejo-o a deslizar num tumulto de ovações coloridas.

Aqui é o sol que se deita sobre a face  
ulcerada da pobreza.

Ali é o sol que mergulha a garra dourada  
na carne do húmus e dele arranca o esplendor que as-  
sola o mundo.

Subitamente é o sol que convoca os fantasmas da alma.

Mas os fantasmas voltam sempre durante  
as rondas da escuridão.

Voltam para tomar o lugar do sol na alma.

Penso nos pobres que somos,  
impelidos para a distância cada vez mais próxima.

Penso nos pobres que somos,  
disputados pela solidão e a mentira.  
Dilacerados por dentro e por fora.

Penso nos pobres que somos,  
rodeados de grandezas e migalhas.  
Seduzidos pelo fascínio do charco,  
arrebatados pelo mistério,  
encharcados de sonho e eternidade.



Penso também nesse ossuário de gritos que é a  
memória.  
A memória, que nos liga a uma caravana de mortos.  
A memória, que nos converte numa árvore  
de vínculos  
Vínculos para os mortos envelhecidos dentro da morte.  
Vínculos para os mortos presentes  
e para os mortos futuros.  
Vínculos para o céu e para o inferno.  
A memória, que é como um rio caudaloso  
onde navega a alma do homem e a alma do húmus.  
A memória, que deita raízes no tempo,  
que agita a existência dos bosques  
e move o eixo dourado das águas.

Vejo o sol torrencial bater  
de encontro ao lago dos sepulcros,  
onde o sonho se deteriora.  
Vejo-o num tumulto de ovações coloridas,  
a deslizar pelas latitudes do céu,  
e penso na pobreza que se costura de andrajos  
perante o esplendor do mundo.

Só os mortos existem.  
Só eles governam e desgovernam.  
Amam e desamam.  
Só os mortos podem ter compaixão dos vivos.  
Só eles sabem que nada sabemos,  
que nada podemos.  
Que incessantemente existimos e morremos.  
Que apodrecemos num festim de gritos.  
Só os mortos,  
em seu pedestal de orvalho,  
caminham sem espanto para agarrar a presença de  
Deus.

### III

## Eros e a Ira

*É a um rei que digo o meu poema*

*(Salmo 44, v. 2)*



# I

Os velhos sinos cantam. Asas fatigadas  
movem-se no ar com lentidão de ferro.  
Sopra em teus cabelos um calmo vento de água  
chegado das foices maduras para a ceifa.

Os cavalos são ancas douradas pelos campos.  
O trigo das horas te clareia o ventre.  
Meus desejos te irrigam. E uma flor de feltro  
desabrocha solenemente em minhas mãos.

Arde o céu. Os galhos das árvores meditam.  
O crescente se alonga em felino arrepio.  
O fumo das casas celebra as velhas estrelas  
e o gado volta a mugir à face arcaica dos rios.

Os velhos sinos cantam. Canta o metal decrepito  
celebrando o teu corpo. Canta a fonte  
que jorra das pedras sobre os regos de tua fala.  
O deus que amo em ti, toca uma flauta de bronze.

Minhas mãos te esculpíram numa rocha perto do mar,  
fêmea ancestral, púbis de puros pirilampos.  
O caule imemorial das casas estremece.  
Os cavalos são ancas douradas pelos campos.

## II

Meu coração te celebra como uma pira acesa.  
Amo-te sem rancor, em ti me dessedento.  
Bebo o vinho dos teus seios e me embriago.  
Acordo nestas luas que dormem no teu ventre.

És doce e triste como um barco ancorado.  
Adormeço sob o arco de tuas sobranceiras.  
Tua nádega é um lago que se fez enseada  
para os navios que singram nos meus olhos.

És a que alimenta os pássaros em cio.  
A que recolhe espigas pelo outono.  
A que persegue o arco-íris pousado nos cavalos  
e convoca a aldeia para o rito dos mortos.

Mulher de musgo, umbigo de alga e concha.  
Coxas que me acorrentam feito âncoras.  
Cerca-me com tua pureza dilacerada.  
Investe contra mim, ó insubmissa.

### III

Na tarde sazoadada eu te adivinho.  
Vejo-te a caminhar entre os escombros  
do sol, bebendo o entardecer de vinho,  
derramado na taça dos teus ombros.

Passas por mim, suspensa dos cabelos,  
soando ao som da música das pernas.  
Os dias vão contigo. E os amarelos  
verões empalidecem nas cisternas.

Na tarde de palavras infinitas,  
vejo-te, entre sargaços erradios,  
a procurar gaivotas interdidas.  
Meu coração salobro nos navios.

#### IV

Minha solidão é um pássaro negro.  
O luar do teu ventre forma um lago de sombra.  
Celebrei teu corpo numa rocha junto do mar  
para servir de pasto aos cavalos-marinhos.

Meu corpo te celebra feito um caule  
que canta a seiva e o impulso das raízes.  
Um pássaro sombrio dormiu no teu ventre.  
A língua metalúrgica do mar  
te ensinou o ofício arcaico do amor.  
O mar te fecundou, búzio viril,  
cego amante das horas de estupor.

Minha solidão é um pássaro negro  
que se alimenta de algas junto do mar.  
Tenho sede da fonte que é tua boca.  
Teu corpo é profundo como as cisternas  
onde naufragam estrelas sacrílegas.

## V

Os dias se estiram sobre mim feito velhos lagartos.  
Frios pássaros emigram  
para essas noites de estrelas destroçadas.  
Lembras um céu de nuvens fecundadas.  
Teu coração reverdece numa concha junto do mar.  
Teu ventre é um lago de sombra  
Partem de ti velhos barcos ancorados.

O mar lambe os teus pés  
As algas te coroam de verdes reminiscências  
Bolhas de espuma te alumiam  
Meus desejos se alimentam de sonhos corrosivos  
O mar, búzio viril, te penetrou  
Ô Mulher de pestanas doces como favos!  
Devolve-me a outra face dos rios  
e o canto obstinado das noites.

Os dias sobem por mim feito velhos lagartos.  
Amo-te como o pastor ama a sua flauta  
o balir das ovelhas  
e a canção junto do poço.



## VI

Investe contra mim, ó insubmissa.  
Teu ventre é como a nuvem poderosa  
que se levanta do fundo do mar.  
A lenha consumida pelo fogo.

Amo-te sem rancor. Há muito te procuro  
na ladeira das tardes em declínio.  
Ó celeiro de espigas sazoadas,  
prende-me em tuas coxas, essas âncoras.

Longe de ti meus desejos fenecem,  
bagas de uva jogadas ao sol.  
Teu corpo é igual ao lenho dessas barcas  
vindas do mar em noites de alcatrão.

És doce e triste como um barco ancorado.  
Um deus te fecundou, ó profundeza  
das noites de mormaço e calmaria.  
Um deus te consagrou a espiga e a messe.

Investe contra mim, ó insubmissa.  
Sou teu portal e tua cidadela.  
O mar, búzio viril, te penetrou.  
Prende-me em tuas coxas, essas âncoras.

## VII

Segadora de aspargos e hipocampos.  
Ó ceifeira dos dias sazonados.  
Teus os trigais de brilhos amarelos  
e os outonos de espigas e cavalos.

As horas me acorrentam feito âncoras.  
Minha alma te persegue nesses rios  
onde a tocha dos peixes alumia  
o funeral dos mortos navegantes.

Tua a canção dos velhos segadores,  
nessas tardes de foices e de lendas.  
Do lenho dos teus ombros corre um vinho  
que aumenta a minha sede de outras fêmeas.

Teu o alfange das luas vespertinas,  
os caracóis que sonham nas estradas.  
Teus seios se assemelham a essas angras  
de águas azuis e solitárias barcas.

Fêmea abissal, tens gosto de marisco,  
de solidão, de aspargos e hipocampos.  
O mar, búzio viril, te penetrou.  
Prende-me em tuas coxas, essas âncoras.

## VIII

Teu corpo se assemelha ao caule arcaico dos rios.  
Fêmea abissal,  
púbis de puros pirilampos.  
Teus braços me ceifam, grito erguido na madrugada.  
Teu ventre é um lago de êxtase.  
Teu coração lateja numa concha junto do mar.  
Negros pássaros te celebram.  
Teu corpo é uma lâmpada que sabe os caminhos da  
noite  
e o mistério das formosuras dilaceradas.

Tuas ancas me detêm, angra e âncora.  
O mar lambe os teus pés.  
Teus cabelos, pasto de hipocampos.  
Resta-me o teu cheiro selvagem de caules amargos,  
de musgo entranhado nas pedras.  
E a foice do teu sexo, que me ceifa.

## I X

Amo-te sem rancor. Sou teu vassalo,  
ó ceifeira das tardes penugentas.  
Ensina-me a canção dos afogados,  
o canto dos arados e essas lendas

dos rios onde há peixes encantados.  
Ensina-me a doçura dos verões,  
o brilho dos legumes e dos lagos.  
És como a aldeia achada entre clarões.

O mar te penetrou, búzio viril.  
Portal do gozo, ó fêmea corrosiva,  
és como a torre onde tangeu um sino.  
Mora em teu ventre um pássaro sombrio.

Mulher, púbis de puros pirilampos,  
ensina-me a canção dos afogados.  
O canto dos ceifeiros pelo outono  
e a tepidez do assomo dos cavalos.

O mar sobe por ti qual labareda  
por um caule de cedro. O mar te embrulha  
numa teia de verdes caramujos.  
Ó cisterna de abismos, tenho sede.

## X

Antes de ti, apenas o riso descosturado das crianças  
suscitava o arco-íris.

Os cavalos de pelo indomável reluzindo nas tardes  
de claridades taciturnas.

Depois tuas mãos recomeçaram o vagaroso trabalho  
de refazer o mistério contido na presença  
das coisas.

O bandolim foi atirado ao sol,  
a fala ancestral voltou a apascentar o sono das ovelhas,  
os ubres cor de centeio roçando a eternidade.

O anjo de rosto voltado para o teu umbigo,  
asa e âncora,

o anjo recomeçou a cavalgada solitária nas águas.  
Antes de ti,

apenas o riso descosturado das crianças  
suscitava o arco-íris.

Os cavalos de pelo indomável  
reluzindo nas tardes de claridades taciturnas.

# IV

## Homenagem

*O homem é semelhante a um sopro da brisa,  
os seus dias à sombra que passa.*

*(Salmo 143, v. 4)*



## SONETOS A CAMÕES

Mas dou-vos esta firme segurança,  
Que, posto que me mate meu tormento,  
Pelas águas do eterno esquecimento  
Segura passará minha lembrança.

(CAMÕES. SONETOS)



## SONETO I

Ó alma de Camões, Nume ancestral,  
mais vivo na memória e benfazejo.  
Teu coração é o mar de Portugal  
e as províncias banhadas pelo Tejo.

É a fonte a escorrer da cantaria,  
a flauta do pastor e o seu punhal.  
Teu coração é a lápide vazia  
de um deus que sucumbiu ao madrigal.

Teu coração é o mar de Portugal,  
as terras descobertas e a ousadia  
das naus singrando os sonhos de Cabral.

Ditoso o céu que agora te alumia,  
ó alma de Camões, Nume ancestral.  
Tumba em que a eternidade principia.

## SONETO II

Olhos de Amor são negros desvarios.  
Iguais aos teus, fanados no desterro.  
Olhos que em Babilônia são dois rios  
cujas águas são águas do Mondego.

Olhos de Amor são dois gentis Cupidos.  
Quem os fitar, que o faça com cautela.  
Os versos teus são mouros foragidos,  
cortando o longo mar com larga vela.

Por onde andaste, andou o desatino  
que ora os vivos alegra, ora os enleia,  
e a saudade tantálica da Corte.

Não te fez sombra o Arauto florentino.  
Homero é teu parelho na Epopéia,  
e outros em quem poder não teve a Morte.

### SONETO I I I

Por decreto do Rei, cumpriu-se o fado.  
Teu peito lusitano era de ferro  
mas se molhou de pranto soluçado  
nas terras legendárias do desterro.

Para Natércia o pensamento alado  
partiu, como ave que no céu procura  
estrela onde pousar o olhar cansado  
mas nada encontra além da noite escura.

Feito algum de mortal padeceu mais,  
longe da Pátria, longe dos viventes  
e da alma tutelar dos ancestrais.

Nos versos teus o Império se alargando,  
e os muros de Sião e os seus portais  
se vão da lei da Morte libertando.

## SONETO I V

Irmão do Tejo, ó menestrel sombrio  
dessas águas heróicas, dessas lendas  
em que as ninfas se cobrem de oferendas  
para o rito sagrado ao deus do Rio.

Cantaste o ousado amor, nume arredio,  
o Tejo audaz, o sonolento Douro  
e essas tardes de enleio e desvario.  
O pensamento incerto e o duradouro.

Lisboa entre suspiros rememora  
o rumor dos teus passos na refrega  
contra a arrogância da emboscada moura.

Pajem do amor, teu coração se alegra  
para brindar à frente cismadora  
da filha de Maria Bocanegra.

## SONETO V

Aqueles por quem foste combatido,  
reinóis de olhar pomposo e virulento,  
passaram mais depressa do que o vento  
passa pelas aldeias foragido.

Passaram como as águas ao relento,  
sem que do céu o espanto refletido  
ficasse a reluzir por um momento,  
ossadas dum fulgor nunca existido.

Sobre a cinza dos grandes do momento  
passa o tropel dum sonho espavorido,  
soterrando ilusões o esquecimento.

Só teu canto ficou, só teu gemido  
não foi arrebatado pelo vento,  
na memória dos homens esquecido.

## SONETO VI

Cantor do ilustre peito e dos Infantes,  
de Portugal barões assinalados.  
Cessam dos reis os passos retumbantes,  
que a Morte torna os vivos desamados.

Calaram-se os clarins antepassados  
e a belicosa grei dos navegantes.  
Só são eternos porque são lembrados  
nos versos teus, teus madrigais galantes.

Natércia não morreu, Amada intacta.  
A boca insigne recupera a chama  
que empalidece os astros, como dantes.

Aquele cuja glória se recata,  
sendo o maior dos lusos pela fama,  
foi o mais desditoso dos amantes.

## SONETO VII

Pedras de Portugal, pedras ardentes,  
onde ao luar dos lampiões se ouvia  
o retinir das botas combatentes  
e o tropel milenar da mouraria.

Pedras de Portugal, onde a intervalos  
lavra o heroísmo e ladra a ventania.  
Num carro arrebatado por cavalos,  
subiu Camões aos cumes da elegia.

Cs passos de Camões, Nume ancestral,  
pedras de Portugal, pedras vertentes,  
que viveis quando tudo silencia,

arderão sobre vós como um fanal  
que em noites de lufadas inclementes  
clareia o céu e as possessões do dia.

## SONETO VIII

Foste enterrado na esquecida vala  
para onde vão as cinzas da pobreza.  
Soturnamente na sinistra sala,  
soluça uma guitarra portuguesa.

Vão do Mondego as águas da tristeza  
carpir teu corpo aos ventos da Cabala.  
Soluça o Tejo, e o seu clamor se iguala  
à dor do abismo e à dor da profundeza.

Soluça o Tejo, e a triste correnteza  
passa em teu corpo, na esquecida vala  
para onde vão as cinzas da pobreza,

depois que o exausto coração se cala.  
Soluça uma guitarra portuguesa,  
soturnamente na sinistra sala.



## SONETO I X

A gente alheia, e por alheio mar,  
vão teus cuidados, filhos do insossego.  
Desde então não cessaste de enviar  
mágoas às claras águas do Mondego.

Sôbolos rios que vão de Sião  
desagüar no Ocidente ensolarado,  
teus prantos com os das águas rolarão  
sobre as cinzas do lume antepassado.

Cansada a Musa, não do puro canto,  
que em ti se fez segunda natureza,  
mas de cantar a gente endurecida,

teu verso é agora amargo desencanto.  
Sobre ti, desce a noite desmedida  
de uma austera, apagada e vil tristeza.

## SONETO X

A glória passa, passa o encantamento,  
como o espectro da luz por uma teia.  
As ilusões são folhas desse vento  
que passou soluçando pela aldeia.

Sob essa laje de água e esquecimento  
uma tocha de espigas te clareia.  
Dos versos teus o claro movimento  
persiste, em clarinadas de epopéia.

Passou o exílio, a grei desconhecida.  
Passaram sóis e os féretros dos reis.  
Passaram fidalgotes e monarcas

de peito ousado e mente empobrecida.  
Porém teu Canto ainda celebra Inês,  
o amor e o Tejo e as lusitanas barcas.



# I

Primeiro que tudo  
eu te louvo o canto  
grave, ininterrupto.  
Depois louvo a calma  
que brilha na calva.  
Louvo essa tranqüila  
calma de Itabira.  
Do luar inteiro  
das noites de ferro.  
Louvo o fazendeiro  
cujo gado é nuvem  
pasto a solidão.  
Louvo o teu destino  
clara simetria  
da meditação.  
Louvo essa inquietude  
que é lume em teu verso  
e esse imperecível  
gosto de oração.  
Louvo o guarda-chuva  
louvo o teu chapéu  
louvo a terra inteira.  
Tudo, menos eu.  
Por fim louvo a mão  
que modela o esboço  
puro da canção.  
Louvo o teu profundo  
vasto coração.

## II

De Itabira, onde as pessoas têm oitenta por cento  
de ferro na alma.

De Itabira, onde o mistério se alastra pelas paredes  
(o ouro do sol na mineração das tardes.)

De Itabira, onde o silêncio é de ferro  
e as casas são navios ancorados numa enseada de ferro.

De Itabira, onde os mortos são de ferro  
e um luar de ferro

clareia espectralmente o ossuário dos trilhos.

De Itabira

onde as pessoas são de ferro

as almas de ferro

os fantasmas de ferro

as madrugadas de ferro

o amor de ferro

a saudade de ferro

a solidão de ferro

saiu Carlos, domador de palavras,

para doar e doer.

De Itabira a voz maior ressoou “no ar constelado de  
problemas”

De Itabira saiu Carlos, mas a alma permanece  
colada às paredes e ao pólen das ruas.

Carlos anda no Rio:

uno entre multidões fragmentárias.

Carlos, Homem do Rio,

senhor de tamanha solidão.

Carlos, a meditação transeunte.

Duas mãos e o sentimento do mundo.

### III

Carlos, em seu pingaço  
de sonho, ferro e aço  
descobre o tempo intacto  
o arco-íris no asfalto.  
Carlos em seu pingaço  
de sonho, ferro e aço  
identifica os mortos  
fugidos do retrato  
os mortos na parede  
gestos de antigamente  
presos à alvenaria  
das noites itabiranas.  
Carlos em seu pingaço  
de sonho, ferro e aço  
atravessa o futuro  
uno e multiplicado  
Carlos de muitas faces  
comidas pelo tempo  
Carlos de muitos gritos  
ceifados pela bomba  
Carlos de muitas falas  
ternuras e segredos  
Carlos de muitos risos  
voltados para dentro  
de muitas latitudes  
doces anonimatos  
Carlos com tal recato

que a própria luz encobre  
no verso manso e exato.  
Carlos com tal poder  
de ceifar o futuro  
Carlos com tal certeza  
de força e plenitude.

Carlos de muitos óbitos  
guardados na algibeira  
Carlos de todo tempo  
Carlos Eternidade.  
Carlos alheio à imagem  
fabril das cercanias  
Carlos só vendo o implícito  
desespero dos homens  
Carlos só vendo a bomba  
(foice que tudo ceifa)  
a bomba como uma sombra  
de ave agourenta e negra.  
Carlos só vendo o eterno  
onde palpita a bolha  
da humana finitude  
Carlos só vendo a chama  
que em cada ser repete  
o molde irrepetível  
da antiga formosura.  
Carlos só vendo o anseio  
no bojo do incriado  
Carlos se repartindo  
por tudo quanto essência  
Carlos de muita infância  
nos olhos e na calva  
Carlos de muita calma  
de muitos compromissos  
de muitas confidências  
guardadas nas palavras

Carlos de muitas lendas  
muitas caligrafias  
nos dedos burocráticos  
Carlos de muitas laudas  
pautadas de problemas  
Carlos fugindo à morte  
pura memória intacta  
vento, incorpórea brisa  
que sopra da eternidade.

Carlos, “o mito cresce  
a nossos olhos feridos  
do pesadelo cotidiano”.  
Somos aventureiros  
em nossa própria casa.  
Carlos, o mito cresce  
em nosso ser precário  
a solidão e o medo  
juntos nos consumindo.  
Cresce a desesperança  
da morte sem solução  
Cresce o carpir dos homens  
e seu anonimato.

Carlos, o mito cresce  
a nossos olhos gastos  
os homens estão enfermos  
de guerra e desamparo.  
Carlos, o mito cresce  
com tal velocidade.  
O mito nos interroga  
de dentro do seu caule.

Carlos em seu pingaço  
de sonho, ferro e aço  
sorri da cibernética  
como de um tratado  
de iniciação poética.



#### IV

“Ó rosto branco de lunar matéria”.  
Branco da tessitura do sigilo.  
Claro enigma do sonho que se oferta  
e muda em rosa o tempo corrosivo.

Teu coração é um pêndulo de ferro  
que marca o adeus, a eternidade, o grito.  
Em teu puro tear teces a espera  
de um mundo igual ao ferro de Itabira.

Silêncios minerais te ladrilharam.  
Teu coração guarda a memória limpa  
no tempo a seu poder acrescentado.

“Uma guerra e outra guerra não bastaram  
para secar em nós a eterna linfa  
em que, peixe, modulas teu bailado”.

Duas mãos e o sentimento do mundo  
não bastam para doar e doer?  
Para agarrar o tempo pela juba,  
esse tigre estirado a nossos pés?

Duas mãos e o sentimento do mundo  
se movem num celeiro de palavras  
onde, espiga, sazona o canto puro.  
Duas mãos a esculpir a eternidade.

Os acontecimentos te entediam.  
Mas a esperança, rosa corrosiva,  
se prende inteira ao caule da elegia.  
Plasma o evento em luminosa argila.

Duas mãos que mergulham no poroso  
entro das formosuras soterradas  
onde a palavra, ancinho, nos golpeia.  
Duas mãos como dois fuzis em guarda.

Duas mãos que se alongam nessa curva  
onde o rio dos mortos nos abrange.  
Duas mãos que se molham na água escura  
do tempo, como um cântaro que canta.

Duas mãos que pelejam contra o sonho,  
contra o tardio impulso que nos move.  
Duas mãos que se agitam num prenúncio  
de solidão, solidárias conosco.

Duas mãos, carpinteiras do invisível,  
que edificam possantes cidadelas  
nos pilares de espuma do imprevisto.  
Mãos que semeiam anjos nas esferas.

Duas mãos que se apoderam das coisas,  
que as celebram num canto ininterrupto.  
Duas mãos cujos olhos nos penetram  
como punhais cravados no futuro.

Duas mãos que trabalham na escultura  
da dor universal, que nos abrange.  
Duas mãos que se molham na água turva  
do sonho, como um cântaro que canta.

Duas mãos que se adubam de mistério.  
Mãos que se dão em puro movimento.  
Mãos de Itabira. A solidão e o ferro  
crescendo juntos para além do tempo.

## ODE A CASTRO ALVES

Teu canto vertebral ressoou nos corredores das  
senzalas.

Encheu de sobressalto as redes coloniais  
nos alpendres ensolarados da Casa-Grande.  
O entardecer se anunciava com lentidão nos retratos  
e frinchas das paredes. Retratos de ancestrais  
obstinados, rebeldes à hierarquia da morte.  
Retratos de melenas feudais fitando  
o esplendor do sol nas tardes açucareiras.

Tua voz moveu as monótonas moendas dos engenhos.  
Provou do negro e amargo mel que escorria  
dos ombros e da pele enferrujada da plebe noturna.  
Viu a nudez aflita da mucama, assolada  
pelo abraço poligâmico do amo. Tua voz agarrou  
o entardecer na varanda, o entardecer se insinuando  
pelas frestas dos grandes portais.  
Viu o luar de emboscada através das telas de urupema  
e a penumbra de aromas  
que salpicava de lassidão o esconderijo das moças.

Tua voz recolheu os negros postergados.  
Viu-lhes os dorsos arqueados sob as barras de ouro do  
sol.

Os ocidentais verões resplandeciam nas leiras  
com reflexos agrários.

E rezou poemas de ninar para os negrinhos  
desmamados

dos canaviais. E viu,  
a escorrer das sólidas mãos dos bantus,  
os lingotes de ouro do progresso.

Tua voz aprendeu o amor nas redes de tucum,  
nos grandes copiães ladrilhados de soluços árabes.  
Foi ao quarto das mucamas celebrar o ofício  
dos filtros amorosos, dos ritos e ritmos  
de antepassados africanos.

Tua voz conheceu o fastígio das alcovas impregnadas  
de mistério e alfazema.

Tua voz escutou o ressonar vibrante da Sinhá-Moça  
em madrugadas de insônia e cio.

E rezou poemas de ninar para os negrinhos  
desmamados  
das jovens escravas.

Tua voz acompanhou a respiração dos carros-de-bois  
galgando lerdamente o odioso perfil  
dos latifúndios. E foi, negro luar,  
à praça onde o vento ensinava aos negros amotinados  
a canção da Liberdade.

Tua voz promulgou a sedição na penumbra dos velhos  
sobrados atravessados de azulejos e memórias.  
(A eternidade parecia estagnada nos pilares  
de alvenaria que emergiam da terra ensangüentada  
de vinditas recentes).

Tua voz aprendeu de cor o canto estival dos pegureiros  
e o triste arrulho das aves na solidão  
das brenhas.

Teu cântico irrompeu numa alvorada de negros  
e foi como um vento de esperança  
que sacudisse janelas abertas no futuro.

## II

Não viste a face episódica da raça.  
Viste a inenarrável face do negro.  
Viste a face do irmão,  
a face multifacetada do negro.  
A face que gesticula para além do negro  
e da morte.  
Viste a face à espera do salto.  
A face que é foice  
para ceifar o trigo da síntese.  
A face que ama e desama.  
A face que ultrapassa a face do amo.  
A face que se escancara  
com o despudor de uma aurora.  
Viste a face encharcada de seiva.  
A face indômita da selva  
ofertando um clamor de raízes.  
Viste a face intemporal do negro.  
A face com sede de espaço,  
a face com medo do capataz.  
A face com raiva do dono.  
Viste a face farfalhante de asas do negro  
e o luar de suor  
que lhe escorria da noite dos ombros.  
Viste a face noturna da raça,

a face molhada de esperma dos ancestrais.  
Viste a face promulgada no eterno,  
a face urdida de cicatrizes dos antepassados.  
Viste a face  
no seu pedestal de argamassa.  
A face que canta o acalanto dos oprimidos.  
Viste a face que dança no abismo,  
a face que se escancara como um punhal.  
Viste a face que fica na multidão que passa,  
a face de sentinela na escuridão.  
Viste a face deserddada de claridade,  
face abissal do humano emparedada em si mesma.  
Viste a face descomunal do negro,  
face imantada de querubim.  
A face arrebatada ao negro,  
face espectral de braços abertos para os aflitos.  
Viste a face que restou do combate,  
a face que se reparte com a dor da raça.  
Viste a face que foi  
ao mergulho na praça.  
A face que se tingiu de solidão escarlata.  
Viste a face que desfraldou o espinhaço,  
feito bandeira  
que a fatalidade fez em pedaços.  
Viste a face que se emplumou de mormaço,  
face diuturna acorrentada ao cadafalso.  
A face que se fez asa  
para a conquista de liberdade e espaço.

### III

Teu cântico escorria  
na epiderme dos negros  
desenhando uma estrada  
de liberdade e bálsamo.

Em teu peito explodia  
feito aurora escapando  
o tambor que acordava  
a alma escura do banzo.

Um clamor em teu ombro  
de profeta sucinto  
buscava o esconderijo  
dos escravos libertos.

Um pássaro inconcluso  
de fulgor interdito  
beliscava os teus olhos  
de arcanjo imolado.

Sob um verão de adagas  
e um luar de salitre  
ancorava em tua alma  
a galé dos aflitos.

Teu cântico escorria  
na epiderme dos negros  
desenhando uma estrada  
de liberdade e bálsamo.



## ELEGIA PARA ALUÍZIO MEDEIROS

Eras distante e taciturno. Desafiavas o universo  
com teu sorriso meticuloso.

Agora a morte te franqueou seus latifúndios.  
Tuas mãos voltarão a ceifar outras espigas,  
outros poemas, outras consolações.

A eternidade não tarda nunca.

E essa certeza era uma chaga aberta no ombro do  
poema.

Os outros poderiam iludir-se.

Poderiam celebrar o coração envolto num ossuário de  
água.

Porém tu não te enganavas.

Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.

Perseguias a meditação. Sabias que o fantasma  
do encontro poderia estar oculto na maçaneta da porta.

Tu nos falaste de um mundo ensolarado de espigas.

Fizeste do poema um ancinho para abolir  
as velhas palavras.

Brincavas de solidão. Longas eram as tuas mãos,  
como se feitas para modelar a outra face do Homem.

Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.

Eras distante e taciturno. Pressentias

que outras presenças não cessavam de te seduzir.

O lento e corrosivo envelhecer dos ancestrais.

O mistério atrás das portas. O olor e a respiração  
dos cavalos celebrando o entardecer nos alpendres.  
As vozes arcaicas dos gonzos  
e a ferrugem triunfando sobre o calado universo das  
coisas.

As formigas ensopadas de orvalho  
e a energia da terra e o balir das ovelhas  
e os cardeiros ensangüentados na paisagem deserta  
de heróis.

Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.  
Eras distante e taciturno. Tuas mãos proferiam  
palavras, desenhavam consolações para uma platéia  
de operários sem brinquedo.

Tu os apascentavas com teu olho de mágico.  
E dos bosques de tua cartola irrompiam pássaros  
evasivos.

Conhecias a solidão empoeirada dos subúrbios  
e os cascos negros dos barcos  
e as prostitutas impregnadas de maresia.  
Tu amavas o mar e os ventos de alcatrão que sopram  
das noites salobras. Querias o mar  
para repartir com a plebe a ondulante sesmaria.

Aquela amplidão sem dono, marulho de multidões  
espavoridas.

Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.

A morte te farejava com a sofreguidão de uma cadela.

A morte desenhava o contorno dos teus passos.

Era o teu latifúndio devorante.

O mistério escondido na maçaneta da porta.

A morte te ensinou a canção dos abismos.

Um dia teu coração foi seduzido pela vertigem dos  
arranha-céus. E mergulhou no centro  
do latifúndio devorante. Rinocerontes verdes  
pastavam desesperadamente em bosques de algodão.

O anjo da liberdade te visitava às escondidas  
e tu o seguravas pelas frinchas do telhado.  
Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.

Eras distante e taciturno. Aprendeste  
meticulosamente a ciência da solidão. Cada palavra  
era uma garra ensopada de seiva,  
uma raiz mergulhada no centro da Vida.  
Fizeste do poema a tua lei, tua cidadela de palavras.  
O poema é tua face maior, o outro lado do rosto  
voltado para o abismo.  
Teu coração, hóspede do mistério, cumpriu agora  
a travessia da Eternidade.  
Teu bigode raciocinava nas tardes de ventos azuis.

DÉCIMAS EM LOUVOR DAS CINCO DÉCADAS DO  
POETA ARTUR EDUARDO BENEVIDES

O pastor que em mim passeia  
Toma da flauta e te louva.  
Que a mão de Deus não se mova.  
Nem apague esta candeia  
que o coração te clareia.  
Longo o céu que te alumia.  
Breve o lume deste dia,  
eterno enquanto se agita.  
Nada se pede à agonia.  
Basta que seja infinita.

Na solidão desta hora  
de incerteza universal,  
só nos resta o madrigal,  
sempre eterno como agora.  
A foice devastadora  
ceifa o dia e não se adia.  
Tange o sino da elegia,  
e o coração se quebranta.  
Meu canto é a água que canta  
na pedra da cantaria.

Tu nos ofertas a rosa  
na canção, rosa pressaga.  
Voga o sonho nesta vaga  
na existência aventureira.  
O mistério em ti repousa.  
Essa estranha alvenaria  
(com que a morte nos recria).

Gasta em vão o esquecimento  
a lã do eterno momento  
em que tudo principia.

Teu verso é a água que brota  
de antigos mananciais.  
Da infância dos ancestrais  
corre essa fonte remota.  
Cantas o mar e a gaivota,  
e esses barqueiros sombrios  
que se debruçam nos rios  
E a face dos afogados,  
cujos olhos desamados  
nunca os tiveram vazios.

Arda o lume deste dia  
como arde o cedro da aurora.  
Basta que a mão vingadora  
da divindade sombria  
mude o canto em profecia.  
Que a mão de Deus não se eleve,  
mas pouse de manso e leve  
no coração do rapsodo.  
Posto que o amor seja breve,  
cumpre-se o eterno a seu modo.

Grave é a canção dos abismos  
nas cordas desse alaúde  
que em teu verso é plenitude.  
Breve o instante de emergirmos  
desta noite de algarismos  
que amortalha o mundo todo.  
Teu bandolim de rapsodo  
sabe a lenda predileta.  
No coração do Poeta,  
cumpre-se o eterno a seu modo.

## SONETO A UM VELHO BARDO

A memória de SIDNEY NETO

Cessou teu coração de velho bardo.  
A malha do mistério te envolveu.  
Bebeste o sumo de sabor amargo  
desse licor que embebedou Orfeu.

Um pássaro de treva fez seu ninho  
na copa dos teus olhos. Vai haver  
quem se lembre do gosto desse vinho  
cujas bagas não cessas de espremer.

O espadachim das doze badaladas  
só quer dormir, sonhar a vida inteira.  
Canto de seiva às coisas soterradas,

surde no espaço a face derradeira.  
Face que é foice e ceifa as madrugadas  
e ceifa em nós a linha prisioneira.

## BALADA PARA ANA GERVIZ

A Milton Dias

A donzela Ana Gerviz,  
cinco anéis em cada mão.  
Não teve amor, que não quis  
render-se a tal devoção.  
Ana esmagou a ilusão  
no ferro do almofariz.  
Cem léguas de solidão,  
seu dote de imperatriz.

(A história diz  
que Ana Gerviz  
não foi feliz  
porque não quis.)

Ana Gerviz viu o mar,  
que é verde aqui e em Paris.  
Logo se pôs a embalar,  
feito princesa de Aviz.  
Mas a velha cicatriz,  
que até nos mortos prospera,  
fê-la dobrar a cerviz.  
Ana feliz já não era.

(A história diz  
que Ana Gerviz  
só por um triz  
não foi feliz.)

Ana pensou a ferida  
que dói por dentro da dor.  
Porém no caule da vida  
cresce outra chaga maior.  
Ana Gerviz quis o amor  
de um jeito que ninguém quis.  
Seu brasão era uma flor,  
num campo de flor-de-lis.

(A história diz  
que Ana Gerviz  
fez mil ardis  
pra ser feliz.)

Ana sabia de cor  
os versos que o povo diz.  
Mas nunca soube do amor  
tudo o que é seiva e raiz.  
Ana esmagou essa dor  
no ferro do almofariz.  
Foi Musa de um trovador  
dos tempos de Dom Dinis.

Quem mais feliz  
que Ana Gerviz,  
que era aprendiz  
de Imperatriz?)



Ana escapou tão de leve  
para um remoto país!  
Teve anéis, amor não teve,  
solidão, bens-de-raiz.  
Se morreu de mal-de-amor,  
falha a história, que o não diz.  
Que é feito do trovador  
dos tempos de Dom Dinis?

(Quem mais donzela  
que Ana Gerviz,  
que achou a estrela  
que sempre quis?)

# V

## O Coice de Pégaso

*O homem insensato não conhece, e o néscio não  
compreende estas coisas.*

*(Salmo 91, v. 7)*



## AUTO DO PLANTADOR

A Miguel de Oliveira Carvalho

Plantador, ó plantador,  
esta terra me pertence.  
Quando chover será tua,  
solidão, flor e semente.  
Esta terra não pertence  
nem a mim, nem ao senhor.  
Esta terra é mais do vento  
do que mesmo de nós dois.  
Esta terra me foi dada  
por testamento em cartório  
quando eu tinha vinte anos  
de juventude fogosa.  
Quando eu tinha vinte anos,  
trocava ilusão por nuvem.  
Minha terra mede apenas  
sete palmos de fundura.  
Plantador, ó plantador,  
quando chover no roçado  
minhas terras serão tuas  
(meu pensamento e o cavalo).  
Quando chegar a estação,  
verei se ainda me iludo.  
Tanta chuva nesta gleba,

meu coração vira adubo.  
Plantador, meu latifúndio  
vem de antigos ancestrais.  
Este chão é um documento  
dos tempos coloniais.  
Esses tempos estão mortos,  
o passado os enterrou.  
Planto agora solidão  
na tumba de meus avós.  
Julgo que ao céu desagrada  
debalde invocar os mortos.  
Deus os plantou noutras plagas  
onde não há gafanhotos.  
Meus mortos são minha herança  
de meditação profunda.  
Eles me dão mais sustança  
que a sobra dos teus legumes.  
Só quem nasceu na abastança,  
plantador, sabe talvez  
que o pobre pouco acrescenta  
aos dotes que o céu lhe fez.  
O pobre sempre acrescenta  
algo que ninguém lhe tira.  
Algo que dura e que é sempre  
mais infinito que a vida.  
Plantador, tu não te iludas  
com palavras cor-de-rosa.  
Tudo é ilusão, fora a espiga  
que extermina a verminose.  
Falo a voz que o povo fala.  
Meu coração sem fadiga  
aprendeu a liberdade  
nas folhas dessa cartilha.  
Plantador, ó plantador,  
esta terra me pertence.  
A casa com seus portais

e a solidão dos alpendres.  
Minha fortuna é a pobreza  
que não herdei de ninguém.  
De meu, apenas saudade  
dos olhos de minha mãe.  
Plantador, ó plantador,  
tudo aqui me sabe o pelo.  
Até mesmo as andorinhas  
nas tardes aventureiras.  
Nada disso nos pertence,  
nem a mim, nem ao senhor.  
Tudo isto é mais do vento  
do que mesmo de nós dois.  
Plantador, ó plantador,  
quando a terra reverdece  
recordo os antepassados.  
E essa ilusão permanece.  
Planta-se a humilde semente  
na terra quando se molha.  
Depois a flor desabrocha  
e os frutos são doutros olhos.  
Plantador, ó plantador,  
são meus os pendões do milho.  
Mas quando chega a abastança  
os frutos são repartidos.  
Os pendões são mãos que acenam  
para um futuro melhor.  
Tristezas também florescem  
no meu peito agricultor.  
Plantador, não te maldigas  
com palavras carrancudas.  
Meu celeiro está dourado  
de palpitações maduras.  
De esperança e rapadura  
meu coração está farto.  
Preciso é de liberdade,

de um rosto para o que faço.  
Todo trabalho engrandece  
quando feito sem fadiga.  
Plantador, ganha o que espera  
na Providência Divina.  
De tanto cavar a terra  
tenho as mãos endurecidas.  
Meus dedos estão ficando  
calosos como as raízes.  
Plantador, as minhas glebas  
são leiras de plantação.  
Tudo isto me pertence,  
até mesmo a solidão.  
Solidão é a minha herança,  
dela meu peito anda cheio.  
Nem o vento me pertence,  
só Deus sabe de onde veio.  
Plantador, ó plantador,  
não maldigas da fortuna.  
Quando chover no telhado  
teu coração vira adubo  
Faz anos que o meu destino  
sabe a terra quanto queima.  
Dos meus braços fiz coivara  
para acender as estrelas  
Muitos anos se passaram  
sobre as verdades antigas  
até que a terra encharcada  
produzisse maravilhas.  
Eu sinto um cansaço enorme  
de tudo o que me rodeia.  
A morte ronda por perto  
feito o clarão duma aldeia.  
Plantador, dizem que o céu  
vem mais doce quando tarda.  
As terras que me pertencem,

cem léguas de eternidade.  
Meu pomar é minha sombra  
crestada pelos cardeiros.  
Nessa gleba o sonho é adubo  
para o trigo dos meus dedos.  
Plantador, não desesperes,  
pois aqui dormem teus pais.  
São agora agricultores  
nas terras do nunca-mais.  
Pobres cinzas desbotadas  
pela negra escuridão.  
Deus os plantou noutras plagas  
para colher solidão.  
Deus os plantou numa cova  
como se planta o agrião.  
Tudo que sobra de um morto  
cabe na palma da mão.  
Tudo que sobra de um morto  
é vento e respiração.  
Mas a luz que sai dos mortos  
clareia meu coração.  
Plantador, ó plantador,  
esta noite me perturba.  
Quando chover no telhado,  
meu coração vira adubo.  
Esta noite não pertence  
nem a mim, nem ao senhor.  
Esta noite é mais do vento  
do que mesmo de nós dois.  
Esta noite rezarei  
pelos mortos vingativos.  
Rezarei pelos futuros  
e pelos mortos antigos.  
Esta noite cantarei  
a canção do latifúndio.  
E os mortos vão escutar



a voz mais triste do mundo.  
Esta noite acenderei  
uma estrela para os mortos.  
Deus os plantou noutras plagas  
onde não há gafanhotos.  
Deus os plantou noutra esfera  
mais luminosa e mais alta.  
O mistério ali prospera  
com vibração renovada.  
Esta noite abarcarei  
a solidão com meus braços.  
De modo que eu possa ouvir  
meu sono e seus intervalos.  
Esta noite embrulharei  
meu coração numa pedra.  
De modo que a pulsação  
se escute na vida eterna.  
Esta noite escolherei  
sete mulheres de pluma  
para aquecer a minha alma  
contra a solidão da chuva.  
Esta noite os gafanhotos  
virão do céu contra nós.  
Esta noite é mais dos mortos  
do que mesmo de nós dois.

## SONETO DA CEIFA

Arde a tarde e se estira nos telhados  
cinzentos desta rua. Breve a noite  
passará sobre mim com os pés molhados  
de lua. Breve o gume desta foice

ceifará este anseio e meus cuidados.  
Ó foice desta noite milenar,  
ceifa este amor e os campos sazoados  
do meu sonho de espigas por ceifar.

Tu sabes que te amando me ilumino,  
como esta noite antiga, esta quimera  
do teu corpo. Sabes que o amor é um jogo.

Um deus selvagem de fulgor maligno.  
Que ao breve sol da carne, a primavera  
do coração arde em seu próprio fogo.

## O AUTOMÓVEL

O automóvel  
máquina absurda  
essa flor  
    ulula

O automóvel  
guilhotina espúria  
essa beleza  
    engulha

O automóvel  
búfalo insalubre  
essa alimária  
    lúgubre

O automóvel  
solidão em uso  
esse desespero  
    inútil

O automóvel  
carrossel de hulha  
esse pássaro  
    abrupto

O automóvel  
órbita de luxo  
essa putrefação  
    ininterrupta

O automóvel  
túmulo de parafusos  
essa luminosidade  
    de úlcera.

## A MORTE

Não te preocupes com a morte.

A morte é impessoal, neutra.

Brisa noturna, visitaçã  
do espectro tutelar do sono.

A morte é um mergulho

nas águas desse rio

que começa em teu rosto,

nos teus olhos,

nos teus braços.

A morte é impessoal, neutra.

Não adianta mudar de caminho.

Mudar de rosto

ou mudar de tática.

O mistério da morte se organiza em teu corpo,

adubo do teu coração.

A qualquer momento

tudo o que te cerca é grito sazonado,

pronto para a ceifa.

## PAISAGEM I

Em tardes de cincerros  
o berro dos bezerros.  
Sopra o vento. E os lagartos  
Pasmam de verdes, fartos.

Sai dos mandacarus  
sangue como uma luz.  
Uma ossada clareia  
casas brancas na aldeia.

Geme um carro-de-boi.  
A estrada é longa e dói.  
Graves, por tardes magras,  
faunos fecundam cabras.

Noite nas oiticicas  
de sombras infinitas.  
Um luar de duendes  
se estira nos alpendres.

## PAISAGEM II

A Otacilio Colares

Esta paisagem magra  
sem júbilo e sem árvore  
acrescenta aos seus mortos  
o urubu solidário.

Nódoa negra no céu  
de azul mais negro e limpo  
onde a sombra passeia  
seu aspecto sucinto.

De tanto que nos fala  
do suor dos avós  
esta paisagem quase  
que reverdece em nós.

## CANÇÃO DA MORTE BOVINA

Para Caio Porfirio Carneiro

O gado vai a pastar  
nas terras do capricórnio  
capim de sangue e luar.  
Noite, ruminante enorme.

O gado come salitre  
nos pastos da correnteza.  
O tempo escorre dos chifres  
da noite, alimária negra.

O gado vai a morrer  
na tarde esvaída em ouro.  
Nos búzios do anoitecer  
soam os clarins desse touro.

O gado pasta uma faca,  
punhal de brilho insalubre.  
O mistério dessa vaca  
é uma flor que dói no ubre.

Em noites de estranho lume,  
o gado escuta um cincerro.  
Sangra a aurora, esse bezerro  
com seus brilhos de curtume.

O gado vai a carpir  
nas terras do capricórnio.  
Os lombos a reluzir.  
Noite, ruminante enorme.

## SONETO À SONATA

O dia que se urdia, ao sol ardia.  
Brisas do agora e ventos do depois  
São nuvens por florir, quando esse dia  
Por uma flor da cor dos girassóis.

O dia a que se oferta essa alquimia  
Do amor, que adoça o feno para os bois  
É da mulher, que é fonte e principia  
A correr nesse rio e em nossa voz

O dia é da luzente dinastia  
Dos cavalos (soturnos pirilampos  
Verdeluzindo em negro). O olhar dos bois

É um sol que me clareia de hipocampos.  
Serei sombra de mim, quando esse dia  
Por uma flor da cor dos girassóis.



se esgalha noutras presenças,  
noutros gestos, noutras calvas,  
noutros braços que se alongam  
para abarcar a saudade.

No Sobrado arquivetusto  
os gonzos não são de ferro.  
São da matéria insolúvel  
que elabora o tempo eterno.

No Sobrado rangem gonzos,  
e as portas têm cicatrizes.  
Marca de fogo nos ombros  
dos mortos cujos perfis

resplandecem como um lago.  
No Sobrado do Barão  
começava a Eternidade.  
O tempo e meu coração.

## SONETO PARA UMA NEGRA

Um rio irriga a escuridão da pele,  
onde um rio mais vasto nos irriga.  
O lago dos teus peitos é uma artéria  
onde circula a espuma primitiva.

Negra esculpida em pedra pensativa.  
Este umbigo ancestral, me lembro dele,  
cativo em madrugada possessiva.  
Um tigre em cio para o amor te impele.

Um rio irriga a pele emancipada  
por um luar de azeite. Um rio anexo  
ao coração do banzo taciturno.

Negra alumiada dum fulgor soturno.  
A selva inteira, a selva apaixonada,  
toca a flauta salobra do teu sexo.

## BALADA DO EMPAREDADO

A Braga Montenegro

Estou no quarto e estou farto.  
Dos meus ombros corre um lago  
para as vinhas de Caim.  
A noite insigne subindo  
por um declive de mim.  
Estou no quarto e presumo  
que esta voz é a voz do Arauto  
nascendo das profundezas  
desta cidade espectral,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e me afasto  
do evanescente equilíbrio  
que me sustenta no mundo.  
A noite cresce lá fora  
a estranha relva de obuses  
entre gritos decepados.  
Meus braços são labirintos  
que sobem pelas paredes  
desta cidade abissal,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e estou farto  
de saber que me pranteiam.  
Sou o defunto hipotético  
velado na sacristia  
por um anjo forasteiro  
que sabe a carpintaria  
precisa da eternidade.  
Vejo a noite que se alteia  
sobre a pele enferrujada  
desta cidade ancestral,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e estou farto  
da ternura irrevogável.  
Tal corpo tal solidão.  
O amor é chama e está quase  
se extinguindo nesta hora  
de antigas visitas.  
Sinto-me peixe, engolido  
pela boca soterrada  
desta cidade estival,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e estou farto.  
Sou da espessura dos mortos.  
Meu pai passeia a cavalo,  
vem vindo das cercanias.  
Meu avô ainda semeia  
trigo e adeus na sesmaria.  
Seu calmo rosto de areia  
contempla um sol que envelhece  
nos cumes do meio-dia.  
Estou a um passo do espesso  
desta cidade hibernal,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e estou farto  
do amor passado em cartório,  
ao jeito de um latifúndio.  
Resvalo por intervalos  
de verdades rarefeitas.  
O escuro sono dos homens  
é como um rio de escória  
entre quimeras desfeitas.  
Soluço, pedra e metal  
me espreitam nesta cidade,  
que é mais de dor que de cal.

Estou no quarto e estou farto.  
Chego da noite interdita  
sem meu rosto antepassado.  
Restos de mim e uma espada  
passeiam na escuridão.  
Chego da noite e me encontro  
fora do tempo e do centro  
irrevogável do fogo.  
Estou a um passo do poço  
desta cidade de umbrais.  
Que é mais de pus que de paz.

## MINUETO PORTUGUÊS

Ver-te em Cascais  
me deixa em paz.  
Ter-te no Douro,  
de amor me mouro.

Em Trás-os-Montes  
vamos às fontes.  
Em Lisboa, ó fanfarra  
de fados à guitarra.

Na Mouraria  
dói-me a alegria.  
Na Torre do Anto  
me dás quebranto.

Perto de Alfama  
quem não te ama?  
No Ribatejo  
roubei-te um beijo.

Chegando a Évora  
quem vai embora?  
Já no Alvalade  
sinto saudade.

Digo em Belém  
que te quero bem.  
Já no Rossio  
que estou com frio.

Em Santarém  
não nos convém.  
Passei por Sintra  
me achei pelintra.

Perto da Ajuda  
tudo se muda.  
Chego a Tomar  
torno a te amar.

No Terreiro do Paço  
dá-me o teu braço.  
Perto do Minho  
me dás carinho.

Na Beira Alta  
vais à ribalta.  
Na Estremadura  
mãos à cintura.

Vais a Viseu?  
(Dou-te um chapéu.)  
Junto ao Mondego  
dá-me sossego.

Quem não se timbra  
de ver Coimbra?  
Torre do Tombo  
morres de assombro.

No Douro Litoral,  
o sal de Portugal.  
Em Póvoa-do-Varzim  
quem vai rezar por mim?

Ver-te em Cascais  
me deixa em paz.  
Ter-te no Douro  
de amor me mouro.



## CANÇÃO DO EXÍLIO

O homem é um ser sozinho,  
grito exilado no asfalto.  
Há sangue no arranha-céu,  
algozes do assassinado.  
Meu rosto aprendeu a fala  
sucinta dos mortos. Mas  
ninguém entende o que digo.  
Ninguém sabe a formosura  
da Mulher que nunca chega.  
Fonte que aumenta esta sede,  
a Mulher que me ilumina  
com seu seio corrosivo,  
que me acena mas não sabe  
se estou morto ou se estou vivo.

O homem é um ser sozinho.  
Tão sozinho que se anula  
ante o enigma de si mesmo,  
ante o mistério de tudo.  
Meu rosto no arranha-céu,  
chega a noite se evapora.  
Resta apenas o cansaço  
de tanta noite lá fora.  
Mas os amigos não chegam,  
os amigos estão mortos.

Ouço passos na alameda,  
são passos desconhecidos  
que nascem da noite negra.  
Mas onde achar os amigos,  
se já não falam conosco  
por esses modos antigos?  
Como achá-los entre os vivos,  
esses mortos vingativos?  
Como achá-los entre laudas  
pintalgadas de algarismos?  
Como achá-los entre falsas  
palavras de cortesia?  
Estou cercado de gestos  
que me oprimem com seu hálito.  
Mas estou só como um gato  
na encruzilhada de um muro.  
Estou só como uma flor  
com seu sabre e seu perfume.  
A Mulher que me visita,  
chega a noite se evapora.  
Resta apenas a mortalha  
de tanta noite lá fora.

O homem é um ser sozinho.  
Grito exilado na aurora.  
O amor, que fazer do amor  
com tanta noite lá fora?  
Tudo é precário na argila  
desta agonia que imprime  
na carne seu puro timbre.  
Tudo precário e se esgota  
nesse fluir de dois corpos  
que se semeiam de gritos.  
Os amigos estão mortos,  
cercados de eternidade.  
Ouço passos no ladrilho,

são passos antepassados,  
suspiros confabulando.  
Um gesto me bastaria,  
verdade humana que fosse.  
Mas os amigos não chegam  
da escuridão vingadora.  
Grave rosto de Mulher,  
chega a noite se evapora.  
Morta a amante, morto o amor,  
com tanta noite lá fora.

## O RIO DA MINHA ALDEIA

(A modo de Alberto Caeiro)

O rio que passa pela minha aldeia  
rumo de Roma  
rumo do Reno  
rumo da noite  
rumo do mar  
é menos belo e em nada lembra o Tejo  
rio de Portugal  
que corre para o mundo.  
O rio que passa pela minha aldeia  
(rio do Sem-Fim)  
passa por dentro de mim.

O rio que passa pela minha aldeia  
leva o que resta de mim  
para junto dos mortos.  
É um pobre rio rústico  
que em nada lembra o Tejo  
e as naus que vão para o mundo.  
O rio da minha aldeia  
não é azul como o de Portugal  
que corre no mapa-múndi.  
Mas o rio que passa pela minha aldeia  
passa por meu coração.

O rio que passa pela minha aldeia  
não passa por lugar nenhum.  
Por isso é mais belo do que o Tejo  
que vai para o mundo.  
O rio da minha aldeia  
não vem de Espanha, não vai por Dakar.  
Vai rumo de Roma  
rumo do Reno  
rumo da noite  
rumo do mar.  
O rio que passa pela minha aldeia  
deságua no meu coração.

## O PASSEIO

Para o Tio Cazuza

Eu me lembro dos cavalos  
nas tardes adocicadas.  
Calmos cavalos de nuvem  
mais o brasão dos arautos.  
Eu me lembro dessas luas  
na garupa dos cavalos.  
Me lembro dos pirilampos,  
lume de quanta saudade!

Junto a meu pai cavalgava  
para a noite ou para o dia.  
Talvez para alguma aldeia  
azul, nos confins do mundo.  
(Talvez para a eternidade.)  
Atrás de nós se calavam  
casas e árvores e casas.

Eu me lembro dos cavalos  
cercados de éguas cálidas.  
O sol da respiração  
alagando as cercanias.  
Íamos para bem longe  
(talvez para o fim do mundo.)  
Atrás de nós se calavam  
casas e árvores e casas.

Ficava ao sol minha dor  
e as possessões de meu pai.  
Seu suor e seu cachimbo,  
minha avó e a eternidade.  
Ficava a ruga e a verruga  
no queixo da sua voz.  
(Os mortos ficam mais velhos  
quando estão longe de nós.)

Eu me lembro dos cavalos  
ao derredor do arco-íris.  
O trigo do entardecer  
debulhado nos alpendres.  
Me lembro das borboletas  
que neles desabrochavam,  
num reluzir reluzindo.  
Cavalos de cheiro cítrico  
arrastando em nosso peito  
destroços de um sonho findo.

Íamos para bem longe,  
longe dos nossos mortos.  
Longe do nosso rosto  
frio, enterrado nos potes.  
Atrás de nós se molhavam  
os olhos tristes dos bichos.  
Ficava essa correnteza  
das águas da ventania.

## O ENTERRO DO SONHO

Todo dia é dia de enterro.  
Todo dia é dia de libertação.  
Todo dia alguém acompanha o enterro de um sonho.  
que o sonho também apodrece.  
Todo dia é dia de dizer adeus  
para os que estão do lado de lá da vida  
e não se importam com isso.

Todo dia é dia de chuva  
em algum lugar da terra  
onde a alegria se veste de preto  
para o enterro de um sonho.  
Todo dia é dia de regresso.  
Todo dia é dia do morto que se adia.  
Todo dia é dia de ir a passeio  
na alameda esgalhada de silêncios agrários.



## CHUVA

Chuva corrosiva, úlcera.  
Pura simetria da morte.  
Música da nuvem e leite do seu ubre.  
Chuva que te quero lúgubre.

Pólen da flor que se fez penugem.  
Chuva, essa matilha ruiva  
uivando à eternidade.  
Chuva que te quero pálida.

Chuva tão chuva, que muda o amor  
em adubo e acende uma luz em tudo.  
Chuva que me embrulha em seda.  
Chuva que te quero negra.

Chuva, trigo do céu, hulha  
na terra espúria do sonho.  
Música da nuvem e leite do seu ubre.  
Chuva que te quero rubra.

Francisco Carvalho faz obra uniforme, coerente, acrescida, evidentemente, de novos ângulos, sempre com o suporte de suas criações primevas. Ele é o único dos nossos poetas em quem se pode ver uma estrutura sem deformação, sem declives, a não ser a da própria estrutura que se propõe para manter o seu *status*.

Difícil se torna indicar ao leitor preferência por esse ou aquele poema. A poesia de Francisco Carvalho apresenta uma sucessão sensível de imagens visuais e sonoras, que às vezes pensamos estar diante de uma paisagem misteriosa, ouvindo a canção de um ser encantado, não se sabendo ao certo se parte dos elementos naturais, ou se estamos a ouvir a ressonância de nossos passos de criança, e que já não podem ser percebidos por nossos sentidos senão pela criança morta que carregamos dentro de nós mesmos.

JOSÉ ALCIDES PINTO

O último livro de Francisco Carvalho (*Os Mortos Azuis*) pode ser visto como uma crítica à civilização de consumo. Não do consumo de mercadorias, mas do consumo dos homens, desumanizados no interior de uma solidão coletiva, perdidos entre semelhantes, reunidos apenas pela contingência espacial, mas afastados pelo individualismo da concorrência pela vida, pela ausência de conteúdo social da existência humana nas grandes cidades, despojada pela burocracia. Senhor de uma técnica indiscutível, Francisco Carvalho revela neste seu livro o momento crítico da civilização contemporânea. Concordemos ou não com sua posição, temos que reconhecer: ele teve a coragem de tomá-la — e proclamá-la.

PEDRO LYRA

... Os versos do cearense Francisco Carvalho, em *Os Mortos Azuis*, são construídos com indiscutível mestria e com enorme poder de comunicação. A força de sua linguagem poética, a beleza das imagens e o ritmo seguro de seus versos assinalam a presença de um dos melhores poetas brasileiros de sua geração, da geração de mais de quarenta anos.

ALMEIDA FISCHER

Francisco Carvalho é poeta cearense, de Russas, na bacia jaguaribana. Pelo visto, ficou, nos ouvidos do poeta, aquele turbilhonar de águas agitadas, no inverno. Daí (quem sabe?) sua poesia de aspecto retumbante, vivendo tempo e fato, num dizer hermético e rijo.

JOSÉ VALDIVINO

## A POESIA DE FRANCISCO CARVALHO

Francisco Carvalho, com a sua poética tão marcada, *sui generis* e tão nossa, é da raça dos grandes poetas, desses que não andam aos pares, mas sozinhos à sombra dos plátanos, ou das oiticicas, e que jamais serão apontados a dedo pela multidão dos transeuntes. O seu círculo de influência e de compreensão é naturalmente restrito.

Lendo-o, compreendemos sua luta de asceta contra a vaidade social, que lhe parece devorar o mundo... A vaidade dos fátuos. É um exilado em sua pátria profunda. Pensemos em sua vida íntima, de homem torturado pela beleza, no contraste espantoso que nele há, entre o sonetista clássico e o malabarista oriental de versos livres, libérrimos, mas abundantes de rimas e sonorosos. É de seu feitio esse jogo natural de esdrúxulos e sáficos...

### AIRES DE MONTALBO

Há um toque essencialmente filosófico perpassando toda a poesia de Francisco Carvalho. Sua própria captação das zonas imponderáveis das coisas não se poderia realizar sem esse seu sentido de poesia como forma velada de penetrar nesses mistérios; nesses níveis mais profundos, trabalhados por ele poeticamente com os requintes artísticos de técnicas onde o ritmo se alia, nos momentos mais felizes, a uma simbologia bem urdida e a uma linguagem a trazerem a marca de recursos técnicos renovados ou inesperados.

A atual poética de Francisco Carvalho, aproveitando a experiência dos seus momentos mais felizes de captação das coisas, de transubstanciação do existencial, tudo isso traduzido em forma concisa, através de sua já bem elaborada técnica, redundará em aperfeiçoamentos artesanais ou poemáticos cada vez mais surpreendentes.

### PESSOA DE MORAIS

O enigma é o mistério pedindo intelecção ilha ignota pedindo descoberta, segredo pedindo divulgação. Essa riqueza oculta e não possuída aguça a ânsia da procura. Circula aí um processo lúdico de esperança. O mistério, o enigma recriam em nós a infância. Eis o que se torna bem fascinante na poesia de Francisco Carvalho. É uma poesia de rejuvenescimento intelectual, porque traz consigo o enigma. Carvalho é um poeta intelectualista, uma espécie de condoreiro rumo à abstração.

SÉSIMO DE MIRANDA



# INDICE



## I — AS VOZES DO SIGILO

A Visitação	9
Mucuripe Latitude Amor	10
Salmo de Areia	16
Retrato Para ser Visto de Longe	17
O Corpo	18
Prosa Prosalca	21
Folhetim da Guerra do Vietnã	24
Solitário Caçador	28
Canção do Deserdado	29
Acalanto Para um Robô	32
Autodidata	34
Soneto dos Ruminantes	36
Canção Desesperada	37
Prelúdio	39
Igreja	41
Recado em Vermelho	42
Poema do Natal	43
Entreato	47
Sonata em Vez de Soneto	48
Árvore	49
Canção Sintética	50
Preterito Mais Que Perfeito	52
Soneto Ocidental	54
Elegia	55
Poemanálise	57
Canto Oficinal	58
A Rua	59
A Casa	60
Romance do Boi Póstumo	62

Canção Fora do Pão	67
A Fonte	68
Pastoral dos Dias Maduros	69
Soneto do Mar Eqüestre	71
Balada dos Cardeiros em Flor	72
Sônia e a Insônia	75
A Pergunta	79
Balada do Rio	81
O Deus Sombrio	83
A Máquina	84
Canção Desconsolada	86
Brasão	87
Canção do Vento	88
Soneto Vacuum	90
Noite	91
Soneto dos Ancestrais	92
Liturgia	93
O Reino	94
Soneto Cósmico	95
Os Ancestrais	96
As Árvores	97
Canudos	98
II	99
III	100

## II — SALMO DE AREIA

Elegia N.º 1	103
Elegia N.º 2	104
Elegia N.º 3	106
Elegia N.º 4	107
Elegia N.º 5	108
Elegia N.º 6	109



Elegia N.º 7 110  
Elegia N.º 8 111  
Elegia N.º 9 113

## II — EROS E A IRA

I 117  
II 118  
III 119  
IV 120  
V 121  
VI 122  
VII 123  
VIII 124  
IX 125  
X 126

## IV — HOMENAGEM

Soneto I 130  
Soneto II 131  
Soneto III 132  
Soneto IV 133  
Soneto V 134  
Soneto VI 135  
Soneto VII 136  
Soneto VIII 137  
Soneto IX 138  
Soneto X 139

Ode ao Poeta Público  
Carlos Drummond de  
Andrade

I 143  
II 144  
III 145

IV 148  
V 149

Ode a Castro Alves 151  
II 153  
III 155

Elegia Para Aluízio  
Medeiros 156

Décimas em Louvor das Cinco  
Décadas do Poeta Artur Eduard  
Benevides 159

Soneto a um Velho Bardo 161  
Balada Para Ana Gerviz 162

## V — O COICE DE PÉGASO

Auto do Plantador 167  
Soneto da Ceifa 173  
O Automóvel 174  
A Morte 175  
Paisagem I 176  
Paisagem II 177  
Canção da Morte Bovina 178  
Soneto à Sonata 179  
O Sobrado 180  
Soneto Para uma Negra 183  
Balada do Emparedado 184  
Minueto Português 187  
Canção do Exílio 190  
O Rio da Minha Aldeia 193  
O Passeio 195  
O Enterro do Sonho 197  
Chuva 198

Composto e impresso na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará, Avenida  
da Universidade, 2932 — Fortaleza — Ceará

